



## Editorial

Pág 02



## Fala, Irmão José! Suicídio

Pág 03



## Abrindo Janelas Luiz Fernando Lopes Pandemia do Coronavírus: Transição Para Um Novo Marco Social

Pág 03



## Cantinho do Chico Confia Sempre

Pág 03



## Filosofia e Espiritismo A Lenda de Tróia, a Verdade e o Centro Espírita

Pág 04



## Coluna AME Brasil Podemos partir desse mundo antes da hora?

Pág 06



## Psicologia Espírita por Joanna de Ângelis

**Solidão**

Pág 08



## Dica de Leitura Seja Feita a Sua Vontade José Lázaro Broberg

Pág 09



## O que Disse Kardec (L.E.) Temor da Morte

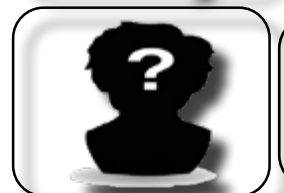
Com comentários de Miramez

Pág 10



## Para Reflexão Reencarnação e Desigualdade

Pág 12



## Você Sabe Quem foi?

**Hermínio de Miranda**

Pág 17



## Depoimento: Nas Trilhas do Covid19 Adelva Seixas Magro

Pág 18



## Instruindo-se com a Revista Espírita Estatísticas de Suicídio

Pág 19



## Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo Deixai Aos Mortos o Cuidado de Enterrar Seus Mortos

Pág 22



## Ciência e Espiritismo Microcosmo e Macrocosmo: Deus em Tudo

Pág 24



## Aprofundando o Conhecimento das Leis Naturais ou Divinas Lei da Conservação

Pág 27



## Obras Básicas em Foco Porque Estudar O Livro dos Médiuns

Pág 27



## Transições Para Novos Paradigmas

Pág 28



## Somos Espíritos Infantilizados

Pág 29



## A Solidão de Jesus e a Nossa Solidão

Pág 30



## Informes GEEDem/ASIMD

Pág 31



## Fora da Caixinha Acontece por aí...

Pág 32

O IDEM tem como missão levar ao leitor artigos, textos e mensagens com base nos princípios espíritas, trazendo temas atuais para que possamos refletir se realmente estamos vivenciando os ensinamentos deixados por Jesus, nosso Mestre e Guia.

Se você tem críticas, sugestões de melhorias ou assuntos que gostaria de ver em nosso informativo, entre em contato através do email: [idem@geedem.org.br](mailto:idem@geedem.org.br)

## Editorial

### Setembro Amarelo

Setembro Amarelo é campanha internacional de conscientização sobre o suicídio e suas formas de prevenção. Todo o mês é dedicado à formação dessa consciência visando a valorização da vida e o dia 10 acolhido com “Dia Mundial de Prevenção do Suicídio”. Essa data foi escolhida em 2003 pela Associação Internacional para Prevenção ao Suicídio pela OMS.

A cor amarela significa vida, luz, alegria e para os organizadores é o contraponto simbólico ideal à campanha deixando patente que lutar contra esse tabu, sem dúvida salvará muitas vidas.

Há no mundo a “Associação Internacional para Prevenção do Suicídio” (IASP). No Brasil é dinamizada pela Associação Médica Brasileira (AMB), Centro de Valorização da Vida (CVV), Conselho Federal de Medicina (CFM), Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP).

No Brasil aconteceu pela primeira vez no ano de 2014, em Brasília, estendendo-se nos anos seguintes a outras regiões do país.

Sobretudo é um movimento de valorização da vida, incentivando a mídia a falar do assunto, combatendo o estigma que envolve o tema, informando a população da importância de falar sobre o assunto.

A cor amarela a ser colocada como identificação em locais públicos e particulares visa não só chamar atenção como dizer que é possível prevenir o suicídio, buscando perceber a dor do outro, ouvindo mais, abrindo espaço para conversar abertamente sobre prevenção, consequência e importância da vida.

Os centros espíritas tem por obrigação manter o tema do suicídio na pauta das suas atividades doutrinárias e educativas, uma vez que a doutrina espírita nos alerta sobre a imortalidade da alma e as consequências do ato do suicídio para o Espírito.

Se há uma certeza nessa vida é que estamos aqui na Terra de passagem, no entanto, pela visão da doutrina espírita, entende-se que a morte não é o fim de tudo, e sim, um desenlace do corpo físico com o espiritual. Quando o indivíduo interrompe esse ciclo de maneira abrupta, adentra-se em um campo vibratório que não é benéfico nem para quem fica, nem para quem por si só ceifou sua própria vida carnal. Como a vida não cessa, a morte é uma ilusão, os sofrimentos somente se agravam para aquele que cometeu o suicídio.

*"A esperança é o fato de que, segundo a Organização Mundial da Saúde, 9 em cada 10 casos poderiam ser prevenidos. É necessário a pessoa buscar ajuda e atenção de quem está à sua volta".*

[setembroamarelo.org.br](http://setembroamarelo.org.br)  
Telefone CVV 188

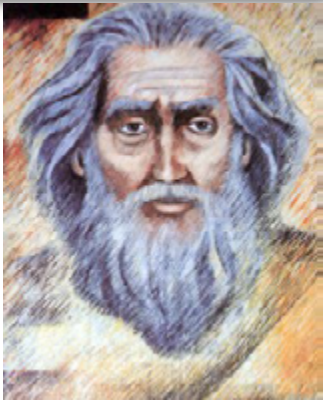
<p><b>"... Na caverna onde padeci o martírio que me surpreendeu além do túmulo , nada disso havia! Aqui, era a dor que nada consola, a desgraça que nenhum favor ameniza, a tragédia que ideia alguma tranquilizadora vem orvalhar de esperança! Não há céu, não há luz, não há sol, não perfumes, não há tréguas!</b></p>
<p><b>O que há é o choro convulso e inconsolável dos condenados que nunca se harmonizam! O assombroso ranger de dentes da advertência prudente e sábia do sábio Mestre de Nazaré! A blasfêmia acintosa do réprobo a se acusar a cada novo rebate da mente flagelada pelas recordações penosas! A loucura inalterável de consciências contundidas pelo vergastar infame dos remorsos! O que há é raiva envenenada daquele que já não pode chorar , porque ficou exausto sob o excesso de lágrimas! O que há é o desaponto, a surpresa aterradora daquele que se sente vivo a despeito de se haver arrojado na morte! É a revolta, a praga, o insulto, o ulular de corações que o percutir monstruoso da expiação transformou em feras"</b></p>
<p><b>(...) Após longo relato dos detalhes da recuperação do espírito como suicida, Camilo Cândido finaliza o seu livro :</b></p>
<p><b>Coragem, peregrino do pecado! Volta ao ponto de partida e reconstrói o teu destino e virtualiza o seu caráter aos embates remissores da Dor Educadora! (...) Mas tem paciência e sê humilde, lembrando-te de que tudo isso é passageiro, tende a se modificar com o teu reajustamento às sagradas leis que infringiste...e aprende , de uma vez que és imortal e que não será pelos desvios temerários do suicídio que a criatura humana encontrará o porto da verdadeira felicidade"</b></p>
<p><b>(Memórias de um suicida - pelo Espírito Camilo Cândido/ Yvonne A. Pereira)</b></p>





## Fala, Irmão José!

Irmão José, um dos mentores espirituais do GEEDEM, ensaja-nos reflexões a respeito do cotidiano à luz do Evangelho, para que, com Jesus, saibamos enfrentar e vencer todos os problemas e desafios com os quais nos defrontamos.



### Suicídio

A morte, como sendo o ponto final da existência, não existe para nada e para ninguém. Um átomo é imortal. Uma célula não desaparece - apenas se transforma. Uma gota d'água não se evapora no nada. Um grão de areia se destina a ser uma rocha. Viverás para sempre. O suicídio é agravamento de qualquer luta. No campo da destruição, o homem não tem poder equivalente ao Poder de Deus, o Autor da Vida. Inútil que alguém delibere pela própria não existência. No fundo, o suicídio é manifestação de uma doença mental que requer tratamento.

Fonte: Livro Para Ser Feliz - Irmão José - Carlos A. Baccelli  
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

## Abrindo Janelas

Espaço dedicado a palestras de expositores pouco conhecidos nacionalmente no meio espírita, porém com explanações relevantes e pertinentes que vale a pena conhecer.

**Palestrante:** Luiz Fernando Lopes (Grupo Espírita Seara de Deus)

**Tema:** Pandemia do coronavírus:  
a transição para um novo marco social

**Assista na íntegra:**

<https://www.youtube.com/watch?v=rk4eJrF2e-Q>



## Cantinho do Chico

Chico Xavier, por meio de sua mediunidade excepcional, decodificou os ensinamentos espíritas transmitindo as idéias e interpretações dos Espíritos orientadores. Ele foi um exemplo de edificação moral, pelo conhecimento e vivência do Evangelho. Mostrou a todos nós como será a humanidade do futuro: portadora de conhecimento intelectual e moral.



### Confia Sempre

Não percas a tua fé entre as sombras do mundo. Ainda que os teus pés estejam sangrando, segue para a frente, erguendo-a por luz celeste, acima de ti mesmo. Crê e batalha. Esforça-te no bem e espera com paciência. Tudo passa e tudo se renova na Terra, mas o que vem do céu permanecerá. De todos os infelizes, os mais desditosos são os que perderam a confiança em Deus e em si mesmos, porque o maior infortúnio é sofrer a privação da fé e prosseguir vivendo. Eleva, pois, o teu olhar e caminha. Luta e serve. Aprende e adianta-te. Brilha a alvorada além da noite. Hoje é possível que a tempestade te amarfanhe o coração e te atormente o ideal, aguilhoando-te com aflição ou ameaçando-te com a morte... Não te esqueças, porém, de que amanhã será outro dia.

Fonte: Livro Palavras do Coração - Meimei - Psicografia Francisco Cândido Xavier  
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

A esperança se adquire. Chega-se à esperança através da verdade, pagando o preço de repetidos esforços e de uma longa paciência. Para encontrar a esperança é necessário ir além do desespero. Quando chegamos ao fim da noite, encontramos a aurora.

(Georges Bernanos)



Kardec afirma, na introdução de *O Livro dos Espíritos*, que a força do Espiritismo não está nos fenômenos, como geralmente se pensa, mas na sua “filosofia”, o que vale dizer na sua mundividência, na sua concepção de realidade. Segundo Manuel Gonzales Soriano, o Espiritismo é “a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da verdade”. É o pensamento debruçado sobre si mesmo para reajustar-se à realidade. Trata-se, pois, não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiuns, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita.



## A Lenda de Tróia, a Verdade e o Centro Espírita

\*Sonia Theodoro da Silva

Todos conhecem a história da famosa cidade situada às margens do Mediterrâneo. O poeta e historiador Homero que teria vivido por volta do século IX a.C., e a quem se atribui a elaboração da *Ilíada* e da *Odisséia* relata a tragédia dos troianos no primeiro poema e, no segundo, a saga de Odisseu ou Ulisses, em seu retorno a Ítaca após os combates junto aos exércitos de Agamenon e Menelau. Tróia, cuja cidade fortificada entre muros sólidos impedia o assédio de povos bárbaros, invejosos de seus tesouros intelectuais e sociais, de sua influência política, de sua riqueza material, mas, sobretudo, de sua localização estratégica, pois era rota de navegação para outros portos comerciais, jamais poderia ser invadida, assim acreditavam os seus habitantes.

Porém, ninguém poderia imaginar que a famosa cidade-fortaleza seria vencida pelas frágeis asas de Eros, que envolvendo o coração e o raciocínio de Páris, irmão de Heitor, líder dos exércitos troianos, trouxe, juntamente com a beleza e a graça de Helena, esposa de Menelau, os motivos superficiais para o cerco dos gregos e de seus aliados. Após 10 anos, Tróia capitula, não pela força exaurida de seus exércitos, não pela morte afrontosa de Heitor pelas mãos e pelo ódio de Aquiles, ou pela magnífica estratégia militar dos gregos.

Tróia foi vencida pelo orgulho de achar-se inexpugnável. Tróia foi vencida pela falsa crença de que jamais poderia ser conquistada, já que contava com a simpatia e a ajuda perene e constante dos deuses. Já não mais poderia receber o aconselhamento de seus generais, que se destacavam pela enorme prudência em preservar os seus muros contra o assédio inimigo, pois estes jaziam mortos pela fúria avassaladora do conquistador. Tróia foi vencida pela invigilância. Tróia foi vencida pela ingenuidade de seus líderes, que acreditaram que o inimigo poderia presentear-lhes, após terem praticamente dizimado as suas forças, com um belo e imenso cavalo feito de madeira colhida às pressas de destroços de guerra (como um presente poderia ser proveniente de despojos oriundos do ódio, da morte, da violência?).

Tróia, na verdade, foi vencida pela astúcia.

Tróia e seus guerreiros, a Grécia com seus heróis inspiraram as civilizações que se seguiram, principalmente Roma, cujos Césares atribuíam-se a descendência de Enéas, soldado troiano, portador da espada de Heitor após a morte deste, e que salva um punhado de mulheres e crianças da cidade incendiada; Alexandre Magno inspirava-se em Aquiles, e Juliano, que a equivocada Igreja nascente do século IV d.C. legou à posteridade como Apóstata, atribuíam-se a reencarnação de Alexandre, herdeiro do herói grego.

A tragédia marcou o inconsciente coletivo humano e ajudou a formar os arquétipos coletivos do guerreiro, do mártir, do herói. E até hoje servem como metáforas, modelos, embora deturpados pela pós-modernidade, pelos pseudo-heróis das guerras fratricidas que inundam a nossa humanidade de morte e de horror, estejam elas situadas em países distantes ou nas ruas das grandes cidades, no trânsito, nas mortes sem razão de ser. Tróia realmente existiu? Ou trata-se apenas de uma lenda construída em bases mitológicas por um grego, amante de sua cultura e que, sensibilizado pela tragédia do inimigo, desejava perpetuá-la no poema, legando a sua imagem à posteridade? Na região mesma onde Homero a situa, atualmente província da Turquia, foram descobertos vestígios de oito cidades que ocuparam aqueles sítios escavados por arqueólogos, e sobrepostas umas sobre as outras, e cujos restos de materiais queimados em uma delas (Troia VII) comprovam-lhe a destruição pelas chamas de um grande incêndio. Se existiu ou não, verdade é que Tróia e o seu fatídico “presente” grego jazem em nosso inconsciente individual e coletivo, formando atos, atitudes e ações congêneres.



**E a verdade? Conceitualmente, ela é o motivo pelo qual existimos, a força que nos impulsiona sempre para frente, apesar de tudo. A Verdade fez Sócrates buscar na intimidade intelectual de seus interlocutores os conceitos de justiça, de amor (leia-se “Apologia a Sócrates”, de Platão), e cujas argumentações o seu maior discípulo, Platão, em seus Diálogos, coloca nos lábios do grande mestre. Sócrates incomodou o poder ateniense vigente, pois remetia as pessoas ao conhecimento a partir delas próprias, de suas consciências. E foi condenado à morte pela mediocridade.**







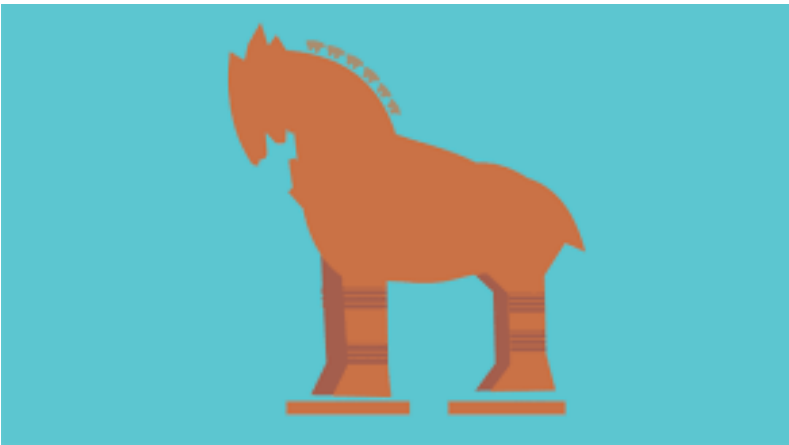
Allan Kardec, discípulo de Jesus, reencarnado no século do Positivismo Comteano, é convidado a elaborar a síntese do Conhecimento. E, sob o ditado e orientações dos mais eminentes e nobres Espíritos das dimensões superiores em moral, intelectualidade e amor à Humanidade, ante o desvelo do Espírito da Verdade, passa a escrever a mais nova aliança de Deus para com os homens perdidos em descaminhos intelectuais, sociais, políticos, religiosos, filosóficos.

E o Espiritismo, de forma simples, porém com conotações educativas, abole de vez o misticismo das religiões, o mito messiânico e idólatra que envolve Jesus de Nazaré, a arrogância da intelectualidade vazia, do mediunismo místico e ignorante das relações intramundos, da prepotência dos pretensos conhecedores daquilo mesmo que desconhecem: **a Verdade**.

A criação do Centro Espírita foi inspirada por Allan Kardec, subsidiada pelos Espíritos Superiores, e ainda é e será sempre o grande e insubstituível zelador do Espiritismo em seu formato de divulgação através de palestras educativas e consoladoras, pelo atendimento fraterno que dispensa às dores e angústias humanas, bem como através de seus cursos focados na Doutrina Espírita e suas corretas abordagens, que não ensinam, mas que despertam o Espírito humano para os seus grandes deveres para consigo mesmo e para com o seu semelhante, tal como a maiêutica socrática, em bases de Educação do e para o Espírito.

O bom Centro Espírita jamais será superado por quaisquer movimentos humanos que visem a sua substituição perante a sociedade e o grande público.

A intelectualidade a princípio deveria nele buscar a sua inspiração para preencher o vazio imenso que a Filosofia contemporânea e meramente acadêmica impingiu aos seus adeptos pelo mundo, pois raramente coloca-se como partícipe da nobre história do pensamento humano em seus esforços pela busca da Verdade em Espírito, tal como a Filosofia Espírita preconiza, revela e se situa.



A Ciência em seus desdobramentos deveria buscar no bom Centro Espírita, e no Espiritismo, a inspiração para as nobres ações e para as suas investigações com base nos arquivos inconscientes do Espírito.

As Religiões teriam no Espiritismo, conforme Kardec, o mai poderoso auxiliar para o desenvolvimento da espiritualidade humana.

Contudo, o que temos observado, é uma “invasão desorganizada” de Cavalos de Tróia entrando, à semelhança da tragédia de Homero, pelas portas adentro do Centro Espírita. Travestidos com suas roupagens aparentemente belas, contudo, trazendo consigo ora a inconsistência de seus argumentos, porque pseudoverdadeiros, ora a natureza mórbida e destrutiva que os distinguem, portam, em sua bagagem, conceitos equivocados provenientes de grupos de auto-ajuda, do africanismo brasileiro, de evangelismos e de sua contrapartida, o materialismo, ausente do real Evangelho de Jesus, de opiniões do senso comum de que o Centro Espírita é “uma empresa”, de mensagens de pseudo-sabedoria em total e absoluta discordância com os nobres princípios que norteiam o Espiritismo como força de transformação, aquela que faz com que vejamos o mundo com outros olhos. Trazem ainda a ausência de entendimento fraterno – o verdadeiro, porque são superficiais e temporais.

Cada agrupamento desses manifesta a bagagem intelectomoral de seus iniciadores e cultivadores, desprovidos, portanto, da organização estrutural de um movimento real, palpável e necessário como outros que mudaram a História do ser humano para o seu real benefício, porque traziam consigo a reestruturação, a construção em bases morais e filosóficas consistentes. O Espiritismo surge como um destes – porém, como não faz parte da temporalidade mas da eternidade e da imortalidade, ele deixa de ser um movimento para, numa segunda fase, adentrar as consciências humanas num processo regenerador e de despertar das virtudes latentes em cada ser, portador das Leis Morais, divinas, porque cósmicas, universais, leis estas que precisam vir à tona, num novo movimento, desta vez confraterno, para com outro ser, cósmico e imortal como ele mesmo.

*O Espiritismo já fez uma análise desses grupos, ausentes de logicidade e legitimidade, que surgem, vez por outra, no planeta de provas, como ondas de um mar tempestuoso, a jogar com as vidas em sua superfície; outros, a princípio são precedidos de uma calmaria silenciosa, expectante e agradável, contudo, explodem como tsunamis que arrastam consigo esperanças, realizações, trabalhos...*

*Se, a semelhança de Príamo, acreditarmos que somente aos bons Espíritos cabe a prudência no zelo ao Centro Espírita, se acreditarmos, arrogantemente, nas “paredes inexpugnáveis” do Centro Espírita, se abrirmos mão do estudo genuinamente espírita e metodicamente cultivado, se acreditarmos que é “caridoso” e “democrático” abrir as portas para que todos falem de tudo, sem método, sem bases de seguro desenvolvimento com base no Espiritismo, como filosofia do Espírito e ciência do Espírito que é, e apenas com base na democracia popularesca, ou aos modismos midiáticos, se aderirmos à ingenuidade orgulhosa troiana e nos influenciarmos pelos equívocos da bela aparência, sem, enfim, acreditarmos fundamente de que o Espiritismo ainda é e será sempre a renovada Mensagem de Jesus aos corações e ao raciocínio humanos, seremos como os descuidados habitantes de Tróia.*



As portas de centenas, senão milhares de Centros Espíritas pelo Brasil afora já foram escancaradas à imprudência. Cavalos de Tróia lá estão instalados e promovendo o seu declínio e obstaculando-lhe o crescimento em bases legítimas. E tal como a infeliz cidade-fortaleza, fadados ao desaparecimento. Tal como as lendas que habitam o nosso inconsciente e que nos trazem, vez por outra, sentimentos de nostálgico vazio.

Seremos castigados pelo futuro? No passado, o Cristianismo de Jesus foi invadido por manadas incontáveis de Cavalos de Tróia, que lhe desestruturaram os princípios belos e verdadeiros. E porque verdadeiros, voltaram após 1532 anos, contados a partir do primeiro Concílio de Nicéia.

O castigo jaz, igualmente latente, na consciência humana: é o sentimento de derrota ante proposta tão sublime quanto é o Espiritismo para a renovação do Espírito. O “castigo” resume-se em voltar e voltar sobre os próprios pés, retardando a própria evolução, através das reencarnações sucessivas tantas vezes quantas necessárias forem para colocar-se novamente e novamente a mensagem de Jesus nos próprios e nos demais corações humanos carentes de fé raciocinada e de conhecimento da Verdade que os enganos e as perfídias ajudaram a deslustrar, e a corrigir o estrago intelecto-moral ocorrido nas mentes de centenas de milhares de “seguidores”, arcando-lhe as gravíssimas consequências, num correto e justo “a cada um segundo as suas obras.” É desta forma que a falência de princípios recomporá caminhos. Tal como ocorreu com a mensagem de Jesus, obstaculada, enegrecida e deturpada ao longo de toda a Idade Medieval, contudo renascida pelo responsável e inegável bom-senso de um único missionário, a serviço da causa do Bem sob os auspícios de centenas de Espíritos ante a coordenação firme e infinitamente misericordiosa de Jesus.

*Bibliografia:*  
*Codificação Espírita, Allan Kardec e os Espíritos do Bem representados por Jesus de Nazaré, o Espírito da Verdade (ênfase cap. XXI – Falsos cristos e falsos profetas, de O Evangelho Segundo o Espiritismo).*  
*Instruções de Allan Kardec ao Movimento Espírita – Allan Kardec.*  
*Curso Dinâmico de Espiritismo (J.Herculano Pires), cap. XX – Como combater o Espiritismo – (ao ilustre prof. Herculano tributo o meu mais profundo respeito pela defesa da Verdade espírita; é dele o conceito de cavalo de Tróia desenvolvido neste artigo);*  
*O Centro Espírita, J.Herculano Pires.*  
*Sol nas Almas (Espírito André Luiz)- Cap. 29 –Defesa da Verdade.*

**\*bacharelanda em Filosofia, fundadora do CEFE-Centro de Estudos Filosóficos Espíritas**  
**Fonte: espirito.org.br**  
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

## Artigo Associação Médico Espírita

A AME-Brasil tem como finalidade o estudo da Doutrina Espírita e de sua fenomenologia, tendo em vista suas relações, integração e aplicação nos campos da filosofia, da religião e da ciência, em particular da medicina, procurando fundamentá-la através da criação e realização de estudos e experiências orientadas nessa direção.



### Podemos Partir Desse Mundo Antes da Hora?

A hora, o momento, o instante da morte suscita ainda muita incompreensão, mesmo entre espíritas. Normalmente, o delicado assunto vem à baila quando ocorrem fatos inesperados e chocantes, com elevado número de óbitos e extrema comoção social.

Os que entendem não haver momento prefixado para a morte até se louvam em textos de O Livro dos Espíritos, mas esquecidos de que estes sempre estão subordinados a um todo, cuja lógica granítica não pode ser apanhada no calor de uma concepção que se quer confirmar a todo custo.


O nº 746 da Obra-base registrou que o assassinato é grande crime aos olhos de Deus, pois "aquele que tira a vida ao seu semelhante corta o fio de uma existência de expiação ou de missão", aduzindo a isto que "aí é que está o mal"... A intenção foi desqualificar o crime, valorizando a vida em seus propósitos mais altos, e não propriamente afirmar o absurdo de que seria possível uma pessoa deixar de cumprir sua missão, ou de expiar suas faltas, se uma terceira tentasse e conseguisse matá-la.

Houve imprecisão na retórica, mas não serve de exemplo aos mais versados na Filosofia Espírita, preconizadora da bondade e da justiça de Deus acima de tudo. O que não soa bem é que se negue a Providência e se aclame o acaso em nome do Espiritismo, tanto mais lamentavelmente num momento decisivo como o da morte.

Segundo Allan Kardec: "O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; apenas apresenta as bases e os pontos fundamentais que se devem desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação." (Revista Espírita. Julho de 1866. Perguntas e problemas.) Todavia, não é o caso de recorrer a esta importante advertência do mestre. O próprio Livro dos Espíritos bem estabelece que "fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é" (Q853).

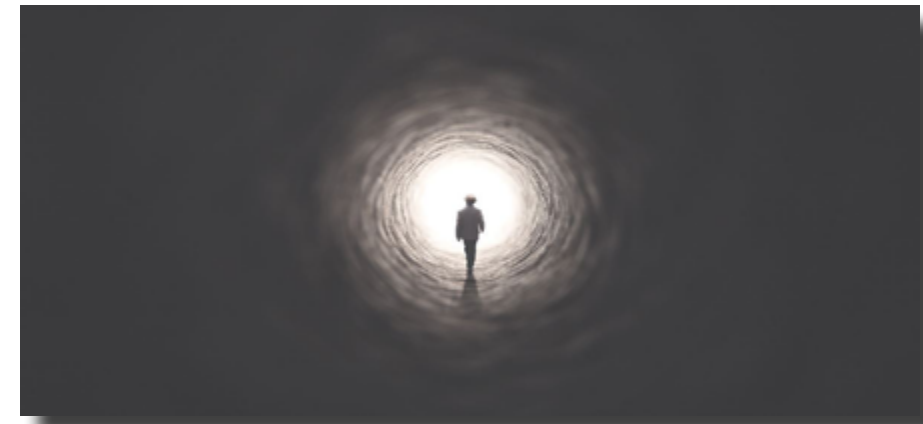
Tal instrução, contudo, não prega o óbvio, o fato biológico de que viver implica necessariamente morrer. O que proclama é que o instante da desencarnação é predeterminado, e não a banalidade de que morrer é inevitável aos mortais. Até porque ao núcleo do sujeito (instante) é que diretamente se dirige o seu preditivo (fatal), com o perdão deste brevíssimo lembrete de sintaxe da nossa Língua.



 O Livro dos Espíritos revela, portanto, a verdade transcendente de que *"qualquer que seja o perigo que nos ameace, se a hora da morte ainda não chegou, não morreremos"*, acrescentando a isto que *"Deus sabe de antemão de que gênero será a morte do homem e, muitas vezes, seu espírito também o sabe, por lhe ter sido isso revelado, quando escolheu tal ou qual existência"*. (853-a.)

Nesta mesma linha doutrinária, o nº 199 da Obra-base já estabelecera que a morte de uma criança *"pode re-presentar, para o espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que devera terminar"*.

Os Instrutores da Codificação aludem a um processo deflagrado pelo próprio espírito em vida passada, e que teve por efeito abreviar-lhe aquela estada física, a qual findou antes do tempo que lhe fora prefixado, motivando a necessidade de uma vida futura mais breve, a interromper-se na infância.



Ou será que a alguém acode o pensamento de que tal espírito deve retornar numa nova e mais curta existência porque um terceiro lhe ceifou a vida pregressa antes do momento em que devia terminar? O primeiro padeceria inocentemente o resultado de falta cometida contra si por outrem... Fora zombar da Providência!

O que a Doutrina Espírita ensina com precisão é que se for destino de alguém não perecer, ou perecer de tal maneira, assim será; e mesmo a interferência dos espíritos poderá

verificar-se para tanto. É o que se lê no Livro que lhes traz o nome (nºs. 526, 527 e 528).

No "Resumo teórico do móvel das ações humanas", síntese dos ensinamentos de O Livro dos Espíritos acerca da liberdade e da fatalidade, Kardec é muito claro: *"No que concerne à morte é que o homem se acha submetido, em absoluto, à inexorável lei da fatalidade, por isso que não pode escapar à sentença que lhe marca o termo da existência, nem ao gênero de morte que haja de cortar a esta o fio"* (nº 872).

Assim, no caso do assassinato em foco no nº 746 da Obra-base, a existência de expiação, ou de missão, foi interrompida dessa forma porque Deus o permitiu, em função de haver chegado a hora, o instante, o momento de seu fim. Todavia, não se conclua daí que haja redução de responsabilidade do assassino. Cometeu voluntariamente um crime, dívida que haverá de saldar a seu tempo.

Exceto mediante práticas suicidas, não é possível partir deste mundo antes da hora. Para uns, será o instante e o gênero da morte uma expiação; para outros, mera prova. Conforme o axioma kardeciano: *"[...] a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação"*. (O Ev. seg. o Esp., cap. V, n. 9.)

A morte, porém, acontecerá no momento preciso, individual ou coletivamente; sendo certo que, de modo imprevisto, ninguém desencarnará vítima de falta alheia, o que, entretanto, não supõe a predeterminação do ato equívoco, mas a infalibilidade da Divina Lei.

O Juiz, neste caso, lavra em termos irrepreensíveis o seu veredictum, porquanto, *"para Deus, o passado e o futuro são o presente"*. (Kardec. A Gênese. Frontispício.) Aos infratores, as dívidas; às "vítimas", a liberdade, o progresso espiritual, quer por simples prova, quer por expiação.

Fonte: <http://www.ame-rio.org.br>  
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Quantas vezes perdorei a meu irmão? Perdoar-lhe-eis, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Aí tendes um dos ensinamentos de Jesus que mais vos devem percutir a inteligência e mais alto falar ao coração. Confrontai essas palavras de misericórdia com a oração tão simples, tão resumida e tão grande em suas aspirações, que ensinou a seus discípulos, e o mesmo pensamento se vos deparará sempre. Ele, o justo por excelência, responde a Pedro: perdoarás mas ilimitadamente; perdoarás cada ofensa tantas vezes quantas ela te for feita; ensinará a teus irmãos esse esquecimento de si mesmo, que torna uma criatura invulnerável ao ataque, aos maus procedimentos e às injúrias; serás brando e humilde de coração, sem medir a tua mansuetude; farás, enfim, o que desejas que o Pai Celestial por ti faça. Não está ele a te perdoar frequentemente? Conta porventura as vezes que o seu perdão desce a te apagar as faltas?



A proposta desta série psicológica encontra-se em plena consonância com os postulados básicos do Espiritismo - a crença em Deus, na imortalidade da alma, na comunicabilidade dos espíritos, na reencarnação e na pluralidade dos mundos habitados – e com o pensamento do próprio Codificador, Allan Kardec, que estabeleceu em A Gênese que: “Espiritismo e Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.” Recordemos que Kardec colocou no subtítulo da Revista Espírita o termo *Jornal de Estudos Psicológicos*, dando a entender a importância de estudar-se a alma como um todo, e não em partes.

### Solidão

**E**spectro cruel que se origina nas paisagens do medo, a solidão é, na atualidade, um dos mais graves problemas que desafiam a cultura e o homem.

A necessidade de relacionamento humano, como mecanismo de afirmação pessoal, tem gerado vários distúrbios de comportamento, nas pessoas tímidas, nos indivíduos sensíveis e em todos quantos enfrentam problemas para um intercâmbio de idéias, uma abertura emocional, uma convivência saudável. Enxameiam, por isso mesmo, na sociedade, os solitários por livre opção e aqueles outros que se consideram marginalizados ou são deixados à distância pelas conveniências dos grupos.

A sociedade competitiva dispõe de pouco tempo para a cordialidade desinteressada, para deter-se em labores a benefício de outrem. O atropelamento pela oportunidade do triunfo impede que o indivíduo, como unidade essencial do grupo, receba consideração e respeito ou conceda ao próximo este apoio que gostaria de fruir. A mídia exalta os triunfadores de agora, fazendo o panegírico dos grupos vitoriosos e esquecendo com facilidade os heróis de ontem, ao mesmo tempo que sepulta os valores do idealismo, sob a retumbante cobertura da insensatez e do oportunismo.

O homem, no entanto, sem ideal, mumifica-se. O ideal é-lhe de vital importância, como o ar que respira. O sucesso social não exige, necessariamente, os valores intelectomorais, nem o vitalismo das idéias superiores, antes cobra os louros das circunstâncias favoráveis e se apóia na bem urdida promoção de mercado, para vender imagens e ilusões breves, continuamente substituídas, graças à rapidez com que devora as suas estrelas.

Quem, portanto, não se vê projetado no caleidoscópio mágico do mundo fantástico, considera-se fracassado e recua para a solidão, em atitude de fuga de uma realidade mentirosa, trabalhada em estúdios artificiais. Parece muito importante, no comportamento social, receber e ser recebido, como forma de triunfo, e o medo de não ser lembrado nas rodas bem sucedidas, leva o homem a estados de amarga solidão, de desprezo por si mesmo.

O homem faz questão de ser visto, de estar cercado de bulha, de sorrisos embora sem profundidade afetiva, sem o calor sincero das amizades, nessas áreas, sempre superficiais e interesseiras. O medo de ser deixado em plano secundário, de não ter para onde ir, com quem conversar, significaria ser desconsiderado, atirado à solidão.




Há uma terrível preocupação para ser visto, fotografado, comentando, vendendo saúde, felicidade, mesmo que fictícia. A conquista desse triunfo e a falta dele produzem solidão. O irreal, que esconde o caráter legítimo e as lídimas aspirações do ser, conduz à psicose de autodestruição. A ausência do aplauso amargura, face ao conceito falso em torno do que se considera, habitualmente como triunfo.

Há terrível ânsia para ser-se amado, não para conquistar o amor e amar, porém para ser objeto de prazer, mascarado de afetividade. Dessa forma, no entanto, a pessoa se desama, não se torna amável nem amada realmente. Campeia, assim, o “medo da solidão”, numa demonstração caótica de instabilidade emocional do homem, que parece haver perdido o rumo, o equilíbrio.

O silêncio, o isolamento espontâneo são muito saudáveis para o indivíduo, podendo permitir-lhe reflexão, estudo, autoaprimoramento, revisão de conceitos perante a vida e a paz interior. O sucesso, decantado como forma de felicidade, é, talvez, um dos maiores responsáveis pela solidão profunda. Os campeões de bilheteria nos shows, nas rádios, televisões e cinemas, os astros invejados, os reis dos esportes, dos negócios cercam-se de fanáticos e apaixonados, sem que se vejam livres da solidão.



 Suicídios espetaculares, quedas escabrosas nos porões dos vícios e dos tóxicos comprovam quanto eles são tristes e solitários. Eles sabem que o amor, com que os cercam, traz, apenas, apelos de promoção pessoal dos mesmos que os envolvem, e receiam os novos competidores que lhes ameaçam os tronos, impondo-lhes terríveis ansiedades e inseguranças, que procuram esconder no álcool, nos estimulantes e nos derivativos que os mantêm sorridentes, quando gostariam de chorar, quão inatingidos, quanto se sentem fracos e humanos. A neurose da solidão é doença contemporânea, que ameaça o homem distraído pela conquista dos valores de pequena monta, porque transitórios.

Resolvendo-se por afeiçoar-se aos ideais de engrandecimento humano, por contribuir com a hora vazia em favor dos enfermos e idosos, das crianças em abandono e dos animais, sua vida adquiriria cor e utilidade, enriquecendo-se de um companheirismo digno, em cujo interesse alargar-se-ia a esfera dos objetivos que motivam as experiências vivenciais e inoculam coragem para enfrentar-se, aceitando os desafios naturais. O homem solitário, todo aquele que se diz em solidão, exceto nos casos patológicos, é alguém que se receia encontrar, que evita descobrir-se, conhecer-se, assim ocultando a sua identidade na aparência de infeliz, de incompreendido e abandonado.

A velha conceituação de que todo aquele que tem amigos não passa necessidades, constitui uma forma de sonesta de estimar, ocultando o utilitarismo sub-reptício, quando o prazer da afeição em si mesma deve ser a meta a alcançar-se no inter-relacionamento humano, com vista à satisfação de amar. O medo da solidão, portanto, deve ceder lugar, à confiança nos próprios valores, mesmo que de pequenos conteúdos, porém significativos para quem os possui. Jesus, o Psicoterapeuta Excelente, ao sugerir o “amor ao próximo como a si mesmo” após o “amor a Deus” como a mais importante conquista do homem, conclama-o a amar-se, a valorizar-se, a conhecer-se de modo a plenificar-se com o que é e tem, multiplicando esses recursos em implementos de vida eterna, em saudável companheirismo, sem a preocupação de receber resposta equivalente. O homem solidário, jamais se encontra solitário.

O egoísta, em contrapartida, nunca está solícito, por isto, sempre atormentado. Possivelmente, o homem que caminha a sós se encontre mais sem solidão, do que outros que, no tumulto, inseguros, estão cercados, mimados, padecendo disputas, todavia sem paz nem fé interior. A fé no futuro, a luta por conseguir a paz íntima — eis os recursos mais valiosos para vencer-se a solidão, saindo do arcabouço egoísta e ambicioso para a realização edificante onde quer que se esteja.

Fonte: Livro O Homem Integral - Psicografia Divaldo P. Franco  
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

### Dica de Leitura



**“Espíritas!, amai-vos, eis o primeiro ensinamento. Instruí-vos, eis o segundo”**  
Allan Kardec – O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. VI, item 5.

**A leitura edifica em nossa alma as lições que são introduzidas em nossa consciência através da exemplificação de verdades que todos nós vivemos. O bom leitor é aquele que sabe que para uma boa jornada é indispensável a disposição para o estudo e que através do ensinamento a caminhada se torna muito mais suave.**  
**Ler é exercitar o discernimento. Quando lemos, pesamos argumentos e refletimos sobre opções.**  
**Ler é ampliar a percepção.**

### Seja Feita A Sua Vontade -A Força Do Querer José Lázaro Boberg



José Lázaro Boberg, conhecido pesquisador espírita, com diversas obras editadas, é o autor de Seja feita a sua vontade. Escritor arrojado traz uma interpretação inovadora a respeito do aforismo "seja feita a sua vontade", contido na oração do Pai Nosso. Ele deseja mostrar ao leitor que a força e determinação em todas as circunstâncias da vida dependem exclusivamente do agente do desejo. Que não é preciso buscar fora de si os elementos necessários à concretização de um sonho ou a solução de um problema de difícil desfecho. O Deus interno que habita em cada um é o responsável pelo sucesso de todas as ações realizadas pelo ser humano, encarnado ou desencarnado. Com exemplos do cotidiano, o autor desvenda uma possibilidade instigante - a capacidade de sempre poder ser o autor da própria vida - fazendo dela uma trajetória de sucesso ou uma parada em sua escalada evolutiva se não se propuser a assumir o controle e a direção da sua caminhada atual. É um livro para se refletir e seu conteúdo proporcionará grandes e profundas reflexões no leitor atento e ávido de novos conhecimentos e estimulantes desafios.



Quem já leu "O Livro dos Espíritos", por Allan Kardec, que passe a estudar; quem já estudou, que o consulte de novo e quem já consultou, que procure gravar mais seus ensinamentos, pois muito ainda temos que aprender para compreender as leis espirituais. (Bezerra de Menezes)

## O Livro dos Espíritos

- » Parte Quarta - Das Esperanças e Consolações
- » Capítulo 1 - Das Penas e Gozos Terrestres
- » Desgostos da Vida
- » Temor da morte

Com Comentários de Miramez do Livro Filosofia Espírita XIX

**941. Para muitas pessoas o temor da morte é uma causa de perplexidade. De onde lhes vêm esse temor, dado que têm diante de si o futuro ilimitado?**

“É um erro nutrirem semelhante temor. Mas, que queres, se procuram persuadi-las, quando crianças, de que há um inferno e um paraíso, e que mais certo é irem para o inferno, visto que também lhes disseram que o que está na Natureza constitui pecado mortal para a alma! Sucede então que, tornadas adultas, essas pessoas, se algum juízo têm, não podem admitir tal coisa e se fazem ateias, ou materialistas. São assim levadas a crer que, além da vida presente, nada mais há. Quanto aos que persistiram nas suas crenças da infância, esses temem aquele fogo eterno que os queimará sem os consumir.

“Ao justo, nenhum temor inspira a morte, porque, com a fé, tem ele a certeza do futuro. A esperança o faz contar com uma vida melhor; e a caridade, a cuja lei obedeceu, lhe dá a segurança de que, no mundo para onde terá de ir, nenhum ser encontrará cujo olhar lhe seja de temer.” (730)

O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual tem, na Terra, penas e gozos materiais. Sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, se conserva numa ansiedade e numa tortura perpétuas. A morte o assusta, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças.

O homem moral, que se colocou acima das necessidades fictícias criadas pelas paixões, já neste mundo experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação de seus desejos lhe dá ao Espírito calma e serenidade. Ditoso pelo bem que faz, não há para ele decepções, e as contrariedades lhe deslizam por sobre a alma sem nenhuma impressão dolorosa deixarem.

**942. Pessoas não haverá que achem um tanto banais esses conselhos para ser-se feliz na Terra; que neles vejam o que consideram lugares-comuns, cediças verdades; e que digam, que, afinal, o segredo da felicidade consiste em saber cada um suportar a sua desgraça?**

“Há as que isso dizem, e em grande número. Mas muitas se parecem com certos doentes a quem o médico prescreve a dieta; desejariam curar-se sem remédios e continuando a apanhar indigestões.”

**Comentários de Miramez: Cap. 27 - Insensatez**

Aquele que se suicida desconhece o verdadeiro objetivo da vida, desconhece por completo a imortalidade de todas as faculdades existentes no centro do seu ser. Ele comunga com o mal, por ignorância, para aprender o valor do bem.

O despertamento vem passo a passo e se Deus não tem pressa é com o objetivo de instruir e ensinar o amor aos Seus filhos do coração. Ao Espírito que tem ocupações, principalmente no bem comum, não lhe sobra tempo para maus pensamentos. O trabalho o livra dessas insinuações inferiores, e mesmo das paixões menos dignas que podem aparecer em seus caminhos. Procuremos entender a vida, primeiramente a do corpo físico, que se encontra interligada com o Espírito, de quem é continuação. Não existem divisões no amplo discernimento dos benfeitores espirituais.

Tudo vem de Deus e Ele está em tudo, pelos meios que Lhe são próprios. A criatura não pode ficar sempre na cama esperando que Deus a abasteça de todo o necessário; a sua parte, ela haverá de fazer, e ainda com habilidade João nos dá informações acerca disso, de que deve a criatura andar para garantir a sua estabilidade espiritual e mesmo física.



*Imediatamente o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar. (João, 5:9)*



Jesus, ao curar aquele homem, disse-lhe: "**Levanta-te, toma teu leito e anda**", como a lhe dizer: sai do teu leito de ociosidade e sai a caminhar em busca do teu destino. Não peques mais, para que não te suceda coisa pior.

O que Jesus espera de nós, é que busquemos curar a nós mesmos. Somente policiamos nossos pensamentos, dando a eles vigor espiritual, pelo que fazemos de bom. Depois da vontade de Deus, a conquista é nossa, em tudo o que realizamos. Quando rogamos ao Pai para não nos deixar cair em tentações, é pedindo a Ele inspiração para o trabalho honesto, e ela vem constantemente, mas o trabalhar é nossa parte. Somente sorvemos a vida de Deus, no exercício da caridade, que se divide em maneiras diversas nos caminhos dos Espíritos.

Existe o suicídio lento, igualmente, que deve ser combatido, e que vem pelos processos da alimentação desregrada e pelos vícios materiais e mentais. É um aspecto que não deve passar despercebido pelo homem de bem, aquele que já conhece um pouco das verdades espirituais.

Por que desejar cortar um fio de vida que Deus ligou à carne para o nosso bem? Reforcemo-lo, pois quanto mais se vive nos caminhos da carne, mais experiências se acumulam, quanto mais experiências acumuladas, mais se aproxima da libertação espiritual.

Não te iludas com falsas idéias de libertação com o cortar o fio da vida. O que Deus faz é a realidade e mão humana nenhuma pode destruir. Procura cuidar do teu corpo, usando a tua inteligência para te sentires melhor, porque todo esforço é contado na escrita de Deus e Ele te dá a ajuda correspondente.

*942. Pessoas não haverá que achem um tanto banais esses conselhos para ser-se feliz na Terra; que neles vejam o que consideram lugares-comuns, cediças verdades; e que digam, que, afinal, o segredo da felicidade consiste em saber cada um suportar a sua desgraça?*

“Há as que isso dizem, e em grande número. Mas muitas se parecem com certos doentes a quem o médico prescreve a dieta; desejariam curar-se sem remédios e continuando a apanhar indigestões.”

#### Comentários de Miramez: Cap. 24 - Ser Feliz na Terra

A felicidade das criaturas já começou, e ela se nos mostra pela consciência da vida que todos temos. Já pensaste nos dons a florados que temos? Vejamos os nossos sentidos: eles crescem como plantas de Deus, fecundando valores e fazendo estender como promessas nos nossos caminhos, a felicidade que temos de pensar, de criar imagens, a faculdade de falar, dom maravilhoso que Jesus usava dando vida a todas as criaturas, o sentido da audição, das sensibilidades e da capacidade de amar. E nesta seqüência, pode-se notar os princípios da felicidade que avançam em todas as direções, a nos dar a esperança do céu que não se encontra longe da consciência. O que se deseja mais?

A felicidade completa virá somente depois; ela é a soma de todas as outras, que deverão cada vez mais aumentar e iluminar-se com a presença de Jesus no coração da alma. Todos falam em felicidade e verdadeiramente aspiram a este estado d'alma, no entanto, é como o enfermo que almeja recuperar a saúde, mas que não se esforça para tomar o medicamento que o conduzirá à cura.

O Espiritismo com Jesus nos mostra os caminhos grandiosos, de modo a conquistarmos os passos da felicidade real. Porém, a demora faz os menos avisados esmorecerem nos caminhos, mas Deus não se aborrece com Seus filhos. Ele nos dá novas oportunidades, que serão reconhecidas pelo tempo, de modo a nos erguermos para cima e para o alto à procura desta paz tão falada e vivida por certos Espíritos.

Existe a felicidade, no entanto, é preciso que nos esforcemos no campo da conquista espiritual e, se todos somos irmãos, os que já se encontram nos "campos elísios", respirando no clima do amor, sabem que os que se encontram na retaguarda, algum dia chegarão lá, pelos mesmos processos que eles enfrentaram. Somente o amor conduz o Espírito a estas estâncias de luz, que se encontram primeiramente na consciência, refletindo no coração. A demora da humanidade em reconhecer o céu na própria intimidade é falta de maturidade, que deverá chegar pela força do tempo, e a mestra infalível se chama dor.


*Eu vim em nome de meu Pai e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente o recebereis. (João, 5:43)*

A ignorância promove a troca dos valores, e nesta troca a alma irá despertar pelos sofrimentos e surgirá a maturidade espiritual na cidade dos sentimentos. Estás sendo chamado pelo Cristo de Deus. As vozes dos que já partiram para o mundo espiritual se fazem ouvir em todas as nações, de formas diferentes, mas, com o mesmo objetivo, o de acordar consciências. Estamos presentes, dizendo que a morte morreu, e que somente existe a vida!

A humanidade se encontra enferma e ainda não descobriu o verdadeiro remédio, usando, por enquanto, só paliativos, na forma de xaropes e ungüentos, para depois dar atenção à verdadeira cura pelo Evangelho de Jesus. A Doutrina dos Espíritos, pelos agentes de Deus, que são os Espíritos, manifesta-se coletivamente, tocando a canção da vida, da vida eterna, levando os homens a crerem na continuação da vida depois do túmulo, na reencarnação e na força que a caridade tem de salvar. É Jesus descendo das alturas, sorrindo e dizendo novamente: "- A paz seja convosco; vinde a mim, todos vós que sofreis".

Fonte: O Livro dos Espíritos  
Filosofia Espírita Volume XIX

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



A Doutrina Espírita sempre nos transmite grandes ensinamentos de forma muito simples. Na visão Espírita, a vida nada mais é, do que um eterno aprendizado.

(Prefácio de Bezerra de Menezes - Filosofia Espírita - Volume XVI)

## Reencarnação e Desigualdades



Como política preventiva, que significa simplesmente atacar o mal ainda na raiz, antes que seja tarde, o programa espírita sempre se esforçou no trabalho de assistência e educação, visando à modificação do ambiente moral e social, até mesmo nos recantos mais sórdidos. Prevenir, portanto, para que a pobreza aviltada não chegue a uma convulsão incontida.

Se é óbvio que não podemos tratar somente do corpo, mas também, principalmente, do espírito, é óbvio ao mesmo tempo que não devemos relaxar os deveres em relação às necessidades do corpo. Se o espírito precisa de instrumento humano para a comunicação de seus dons, logicamente um corpo doente, abatido pela deficiência alimentar ou depauperado pelo esgotamento, não pode ser bom veículo por causa do desmantelo orgânico.

E já se sabe que há repercussão recíproca entre o orgânico e o psíquico. Mas a Doutrina adverte, a certa altura, que às vezes uma pessoa pode nascer em *"posição difícil e embaraçosa, precisamente para ser obrigada a procurar vencer as dificuldades, nunca, porém, deve deixar a vida correr à revelia, o que seria mais preguiça do que virtude."* (O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. V, nº 26). Este ponto, sem dúvida alguma, sugere reflexão sobre o problema das desigualdades sociais à luz da reencarnação.

Seja, porém, como for, a despeito dos "altos e baixos" dos compromissos reencarnatórios na vida social, não nos compete fazer julgamento, mas temos o dever de trabalhar pela melhoria do homem. E com fazê-lo sem ir ao encontro dos focos de revolta e decadência? Disse muito bem o Dr. João Pompílio de Almeida Filho:

*"Devemos ir ao encontro dos necessitados, para dar-lhes o que precisam, moral e materialmente, antes que eles venham até nós arrancar o que lhes falta, e destruir as riquezas, que são nossas, mas exigem emprego inteligente, com distribuição de parte em favor dos que têm fome, sofrem frio, vivem envilecidos nos vícios, constituindo verdadeiro peso-morto à margem da sociedade".*

Tese oficial - 1º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul -1945.

Realmente. Tais palavras estão inteiramente abonadas pela Doutrina Espírita. A esmola é uma doença da sociedade. Ainda não temos uma consciência de solidariedade capaz de suprir as falhas no rastro da pobreza extrema e da invalidez relegada.

Mas a palavra esmola não teria mais razão de ser, dentro de uma organização social mais espiritualizada ou mais aproximada do Evangelho. Em vez de esmola, diríamos acertadamente dever. Se é verdade que os males sociais, em grande parte, têm relação com o nosso passado e, por isso, também é verdade que cabe à criatura humana fazer a sua parte, a fim de que ninguém seja privado pelo menos do essencial à subsistência nos flancos mais ínfimos da sociedade.

**Melhoramento social engloba estabilidade e libertação do medo**, mas não significa que todos tenham de ser ricos ou venham a possuir automóvel como requinte de bem-estar; mas todos têm o mesmo direito a uma condição de vida condizente com a dignidade humana, por mais frisante que seja a desigualdade dos níveis sociais.

**O Espiritismo não propõe a eliminação total das desigualdades**, notadamente no estágio evolutivo em que nos encontramos, pois a sociedade é toda diversificada, com ricos e pobres, inteligentes e parvos, empreendedores e preguiçosos, progressistas e retrógrados, homens de bem e homens trapaceiros, por exemplo. Sem pensarmos, porém, na utopia de um mundo sem falhas e disparidades, como se fosse um paraíso terrestre, podemos e devemos, contudo, dar o quinhão que a Doutrina Espírita nos atribui, porque temos a nossa parte de responsabilidade no conjunto:

*"Condenando-se a pedir esmola, o homem se degrada física e moralmente: embrutece-se. Uma sociedade que se baseie na lei de Deus e na Justiça deve prover à vida do fraco, sem que haja para ele humilhação.*

*Deve assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem lhes deixar a vida à mercê do acaso e da boa vontade de alguns".*

(O Livro dos Espíritos - Parte 3a, Cap. XI)

Como se vê, a Doutrina Espírita não absorve a idéia de fatalismo como explicação genérica dos desacertos sociais, nem a tese da reencarnação levaria a tanto.





O fatalismo social seria a condenação de pessoas ou grupos a uma vida de privações indefinidamente, como se fossem todos marcados pela adversidade inarredável. Não. Nesta ordem de considerações o que a Doutrina afirma nada tem de radical: os males deste mundo são de duas ordens, isto é, os que têm vínculos com o passado, por causa de atos praticados noutra existência, e os que resultam de erros e abusos cometidos no presente. Nem tudo, portanto, se deve lançar na conta do passado.

A incapacidade ou a falta de escrúpulos na gestão administrativa, a negligência na vida pessoal e os desperdícios são responsáveis por muitas crises na sociedade. O cotidiano das ocorrências bem o demonstra. São fatos da presente existência. A interpretação unilateral seria muito inconveniente, pois os problemas exigem, antes de tudo, análise conjuntural. Dois fatores são indiscutivelmente relevantes neste passo: a educação e a reforma moral.

Na confluência dos problemas com que nos defrontamos, de um lado e do outro, não seria lógico pôr de lado a interferência de "situações cármicas". Há criaturas humanas sujeitas ao determinismo de uma existência difícil ou penosa em razão do que fizeram antes, não se sabe onde ou em que época.



Quem, suponhamos, explorou o suor alheio, quem abusou da riqueza ou da autoridade como verdadeiro tirano ou corruptor, certamente vai ter que lutar muito contra a humilhação, as aflições e os embaraços, ainda que trabalhe e estude com o maior afinco para subir pela inteligência e pela tenacidade.

Por mais que insista na tentativa de afastar os empecilhos, fica sempre na planície social, em posição apagada, obrigado a executar serviços inferiores,

segundo os valores convencionais do nosso mundo.

Mais adiante se nos depara o varredor de rua, um homem que já fora lorde noutra época e, agora, volta à Terra para reeducar-se na humildade, pois impusera humilhação a muita gente quando estava na opulência.

Semelhantemente, não seria um despropósito admitir que antigo e orgulhoso aristocrata, daqueles que faziam pouco caso das pessoas que estivessem abaixo de sua camada social, venha a reencarnar com uma prova que o coloque nas calçadas como engraxate, vivendo à margem das multidões nos grandes centros urbanos. Noutros tempos, tinha criados sobre os quais tripudiava com arrogância e desumanidade.

O fato de engraxar sapato nada tem de deprimente para quem trabalha honestamente, tanto quanto a profissão de gari e outras profissões tidas como das mais modestas não aviltam as mãos honradas.

Se a sociedade precisa de médico para os problemas de saúde pública, também precisa do gari, ao mesmo tempo, porque sem a limpeza da cidade e a remoção dos detritos e entulhos transmissores de vermes e alimentadores de mosquitos os planos sanitários ficam seriamente comprometidos. O cavalheiro elegante, habituado a vestir-se com apuro, não pode fazer "boa figura" em público se não tiver quem lhe engraxe os sapatos no momento necessário. E quem vai fazê-lo?

O titular de um cargo importante? O funcionário de status mais elevado? Claro que não. É o engraxate, que se torna uma figura indispensável naquele momento.

Naturalmente é uma prova para o espírito que reencarna, como se diz, nas "classes baixas" da sociedade e não consegue projetar-se, porque tem débitos pesadíssimos de outras existências. O tipo inteligente ou espertalhão de outrora, muito afeito a espertezas com prejuízo de terceiros, depois de ter tantas e tantas vezes abusado da inteligência para fins inconfessáveis, sem jamais ter sido alcançado pela justiça terrena, não poderá reincorporar-se à mesma sociedade a que pertencera, mas agora reencarnado como servente ou trabalhador explorado, sempre em aperturas financeiras, lesado aqui, sacrificado ali? É uma contingência admissível no desenrolar do processo reencarnatório.

**É a lei de causa e efeito**

A justiça nunca deixa de vir, cedo ou tarde, segundo as nossas noções de tempo. A reencarnação está na vida social, não tenhamos dúvida. Consequentemente, não se exclui em tudo e por tudo a reencarnação como um dos dados de avaliação nos desajustes sociais, ainda que não seja razoável generalizar, o que daria motivo a conclusões muito rígidas.

Se, de fato, há circunstâncias que se sobrepõem aos nossos desejos e meios de ação, porque decorrem de uma carga de responsabilidade individual ou coletiva de outras etapas da vida, há obstáculos e eventualidades que denunciam apenas a falta de vigilância ou a displicência nesta existência. E se o homem fosse conduzido pelo passado em todos os instantes não haveria mudança nem disposição do livre-arbítrio.



A vida seria uma sucessão fatal de episódios predeterminados.

Como corpo de idéias, baseado em fatos que comprovam a sobrevivência do espírito além do corpo e a sua comunicação com o nosso mundo, o Espiritismo também se interessa pelo ser humano na vida de conjunto, o que quer dizer: o homem na sociedade.

Sem a vida social ninguém teria como se desenvolver e renovar-se, pois a penitência reclusa, distante dos problemas, ignorando o sofrimento de seu próximo, sem dar sequer um pouco de si, não faz

nenhum santo.

É na forja social realmente que adquirimos experiência e exercitamos as nossas possibilidades latentes, ora caindo, ora levantando, até que nos modifiquemos para melhor. Não sendo, portanto, fatalista, como já dissemos e fazemos questão de repetir, está bem claro que a Doutrina Espírita se preocupa com as desigualdades humanas, cujas causas devem ser atacadas para que se corrijam as injustiças.

Muitas chagas sociais já teriam sido extirpadas se houvesse mais sentimento de humanidade, mais respeito às razões éticas, tanto no plano do poder público quanto no plano particular. Há desigualdades que são o flagrante resultado do egoísmo, da ambição e, por fim, das incongruências de uma sociedade discriminativa na distribuição dos bens indispensáveis à vida humana.

Uma sociedade em que a vivência real do Cristianismo ainda está reduzida a compartimentos limitados, porque o Cristo é apenas objeto de devoções formais, sem ação nas profundezas do coração, a não ser das pessoas abnegadas, cujo espírito de sacrifício vem contrabalançar o peso da indiferença ou da frieza dominante.

Pois bem, é contra esse tipo de sociedade, ainda vigente, que invocamos os princípios espíritas, sem compromisso com ideologias e facções políticas.

Não estamos defendendo a igualdade maciça ou mecânica, pois seria uma pretensão visionária. Como igualar os elementos de um aglomerado humano composto de criaturas desiguais?

Sim, desiguais espiritualmente, desiguais no temperamento, na formação moral, tanto quanto desiguais intelectualmente, etnicamente, psiquicamente. Neste ponto, exatamente, a noção de igualdade, tão mal situada nas discussões doutrinárias ou políticas, tem dois sentidos muito naturais: somos iguais pela natureza e pela origem, porque somos criaturas de Deus e pertencemos à espécie humana, mas não somos iguais nas aptidões, no caráter, na educação, na cultura, nas decisões do livre-arbítrio.

Teoricamente, "todos são iguais perante a lei". Seria, de fato, o ideal de uma sociedade bem equilibrada. Como seres humanos, todos têm o direito a uma vida normal, uma vez que todos têm aspirações, compromissos e deveres compatíveis com as necessidades biológicas e espirituais. Necessidades inerentes à natureza humana e, por isso mesmo, não se condicionam, pelas categorias sociais.

No entanto, há muitos casos em que animais de estimação, como cavalos, cachorros e gatos são mais bem tratados do que as próprias crianças que ficam em volta desses animais. Que os animais sejam bem cuidados e defendidos, mas que não se despreze o ser humano. A proteção do reino animal é uma prova de adiantamento de uma civilização.

É válido indiscutivelmente o conceito de igualdade na acepção de respeito aos direitos comuns, os direitos intrínsecos da pessoa humana em qualquer nível social: preservação da integridade física, oportunidades para estudar e melhorar-se, liberdade de escolha de seus objetivos profissionais, intelectuais e religiosos. Igualdade, portanto, nos direitos essenciais.


Nosso conceito de igualdade, porém, não vai ao irrealismo de imaginar uma sociedade em que todos tenham o mesmo "trem de vida", as mesmas regalias, as mesmas qualificações sociais. Na luta pela vida, sob a pressão das competições, sempre se defrontam capacidades diferentes, com interesses conflitantes.

O emprego do livre arbítrio, por sua vez, está sujeito às variações circunstanciais nos empreendimentos e nos modos de proceder ou de julgar as coisas. Ao lado, por exemplo, dos que querem vencer e, por isso, estudam, trabalham, enfrentam todos os reveses, há muitos que não querem sair da comodidade, não se esforçam para mudar de posição, porque preferem ficar onde estão, cultivando a displicência como regra de vida.

Ora, o indivíduo operoso e realizador, porque leva a vida a sério não se confunde com o preguiçoso, que se anula por si mesmo no grupo social.

Figuremos de passagem o caso de dois irmãos, cujo pai tenha dado oportunidade ou chances, como se diz correntemente, tanto a este como àquele. O primeiro trabalhou, não esbanjou o tempo, preparou-se para ocupar lugares mais altos, enquanto o segundo deixou tudo correr à vontade, fazendo suas farras, abusando das energias da mocidade.



 Mais tarde, na "idade madura", quando as ilusões já estão desfeitas, um irmão está em boa situação, com estabilidade, mas o outro, completamente despreparado, desgastado pelas extravagâncias, está de mãos vazias, nulificado na planície social. De quem a culpa? ...

Iguais na origem, no lar de onde saíram, mas visivelmente desiguais na organização/temperamental, na vontade, nas inclinações.

A sociedade, em suma, é um somatório das desigualdades individuais. Seria então irrealizável a igualdade em termos absolutos. A reencarnação não invalida totalmente o livre-arbítrio. Justamente por isso, se estamos encarando a questão à luz do pensamento espírita, precisamos ter uma visão mais elástica.

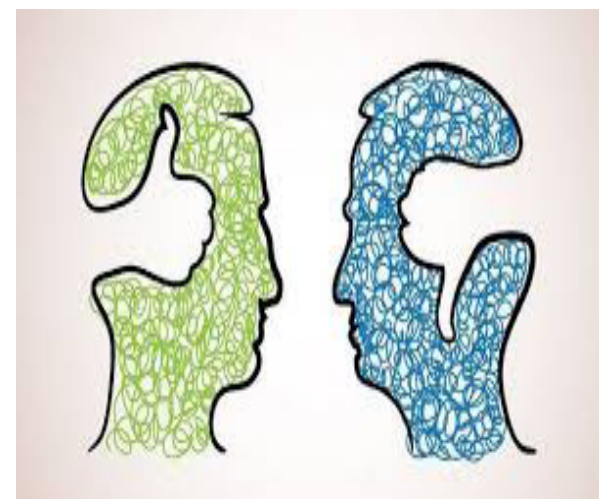
De um lado, há quem afirme, por exemplo, que as desigualdades são problemas sociais e, portanto, "nada têm a ver com a reencarnação"; do outro lado, com o mesmo acento categórico, afirma-se que as desigualdades sociais são "conseqüências de nosso passado", e, assim, seria inútil qualquer tentativa de modificação.

Então, a única solução é "deixar como está". São entendimentos contrários à verdadeira índole da Doutrina Espírita, de um lado e do outro. Nossa posição há-de ser a do meio termo, nunca das definições intransigentes diante da realidade social.

Há, de fato, situações que inferiorizam o indivíduo socialmente, durante uma reencarnação ou mais, por causa da rede expiatória de envolvimento que o acompanham do passado. Se não cabem no vocabulário espírita as palavras "azar", "má sorte", "capricho do destino" e outras, de uso comum, naturalmente há uma razão para que certos casos perdurem na sociedade, a despeito de todo o empenho que se faça para afastá-los ou atenuá-los.

Se a razão determinante do sofrimento ou das dificuldades não está nesta existência, teremos de encontrá-la no passado, sob a ação da lei moral de "causa e efeito", não pelo que os pais fizeram, mas pelo que o próprio culpado fez, não importa se neste ou noutro século.

Daí, porém, não se segue que todas as injustiças da Terra, efeitos da maldade, do engodo e do orgulho, por exemplo, sejam projeções do passado e, por isso, irremediáveis. Não. Até certo ponto, as deficiências sociais podem ser retificadas pelas atitudes reparadoras, pela luta contra o mal e pelas reações da parte mais sadia da sociedade.



E sempre houve, felizmente, em todos os grupos humanos, os elementos que não se contaminam, ainda que sejam obrigados a transitar pelas mesmas vielas por onde passam o ódio, a baixeza, o vício e a hipocrisia bem enroupada.

Os desafios são uma contingência desse estado de coisas, mas nem todas as ocorrências são fatais. A reparação das brechas que se abrem no organismo social exige a reforma periódica de suas estruturas. É um fenômeno inevitável, sem o que a sociedade não se adaptaria às mudanças impostas pelas necessidades.

Mas as reformas estruturais não eliminam a relevância da reforma moral, é ponto em que insistimos. São instâncias concomitantes.

A reforma de uma estrutura política, administrativa, religiosa ou educacional, por exemplo, pode ser muito inteligente, como boa base de sustentação, mas o funcionamento vai depender do homem. E se o homem não estiver preparado para conviver com os novos mecanismos, não apenas do ponto de vista intelectual ou técnico, mas também do ponto de vista moral, a melhor estrutura possível corre o risco da poluição, apesar das boas aparências. (...).

Que poderíamos esperar de uma casa muito bem traçada, muito bonita por fora, mas construída com material de péssima qualidade, sem alicerces seguros?

Então, embora as reformas de estruturas sejam necessárias, o equilíbrio social não dispensa a reforma moral de alto a baixo. Não se reformam costumes por leis ou pela força.

Por mais bem intencionada e cuidadosa que seja uma lei, não está isenta de acomodações e distorções quando o homem quer usá-la em benefício de seus caprichos ou de conveniências ocultas.

A lei por si só não reforma a sociedade, pois os resíduos da imoralidade e das artimanhas sempre subsistem enquanto o homem, por sua vez, também não se modifica interiormente. Dentro dessa concepção, que está na ordem geral das idéias que até aqui explanamos, naturalmente nos defrontamos com o problema da propriedade.

Como já recordamos, o Espiritismo nos põe diante de uma concepção igualitária quanto aos direitos essenciais da criatura humana. Mas também estabelece a distinção entre a propriedade privada e a propriedade destinada ao uso geral.



Não usa terminologia jurídica nem muito menos formulações técnicas, mas divide, claramente, em termos técnicos, o bem comum, a que todos têm direito, e a fortuna de uso particular. Reconhecemos, por isso mesmo, a legitimidade da propriedade privada, obtida à custa do trabalho honesto, sem prejuízo de ninguém, como ensina a Doutrina.

E porventura não tem o direito de usufruir o resultado de seu esforço todo aquele que trabalha e sabe perseverar e economizar para conseguir um padrão de vida melhor? É lógico e humano. Isto não implica aceitar ou defender a transformação de recursos ou bens de uso geral em propriedade particular, para o enriquecimento de uns poucos em desfavor de muitos.

É o que significa, sem tirar nem pôr, a monopolização de um patrimônio coletivo. A propriedade e o capital são, portanto, valores relativos. Se a Doutrina Espírita não é contra o capital em si, coerentemente não apóia a designação depreciativa do dinheiro como o "vil metal".

O homem é o responsável pelos efeitos do capital, pois o dinheiro é apenas um instrumento que tanto pode servir de peça decisiva de um sistema de corrupção e violência.

O problema é com o ser humano, não é com o dinheiro, pois já sabemos muito bem que as melhores coisas deste mundo, quer materialmente, quer intelectualmente, podem ser usadas para o mal ou para o bem, na medida em que o livre-arbítrio pende para um lado ou para outro.

É o que aprendemos na Doutrina Espírita:

"Se a riqueza houvesse de constituir obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, conforme se poderia inferir de certas palavras de Jesus interpretadas segundo a letra e não segundo o Espírito, Deus, que a concede, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição, sem apelação nenhuma, idéia que repugna a razão" (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XVI).



Coincidentemente - apesar da grande distância no tempo e nas circunstâncias - o presidente Franklin Roosevelt, dos Estados Unidos, chefe de uma nação capitalista, dizia isto:

*"Os capitalistas vorazes serão devorados pelo fogo que eles atearam... O capital é essencial; razoáveis compensações ao capital são essenciais; porém o mau uso dos poderes do capital ou a egoística supervisão de seu emprego precisa ter fim, ou o sistema capitalista se destruirá pelos seus próprios abusos".*

Roosevelt estava então fomentando a política do New Deal, um plano econômico realmente revolucionário. Roosevelt defendia até veementemente a propriedade privada, mas ressaltou logo que a propriedade *"não pode ser sujeita à manipulação desumana dos jogadores profissionais da bolsa ou dos conselhos de administração"*. O sentido humano da propriedade, em suma. São idéias que se encontram com as idéias espíritas:

*"O que por meio do trabalho honesto, o homem junta, constitui legítima propriedade sua, que ele tem o direito de defender, porque a propriedade que resulta do trabalho é um direito natural, tão sagrado como o de trabalhar e viver"* (O Livro dos Espíritos - capítulo XI, parte 3ª, nº 882).

Outra coincidência relevante, sobretudo pelo espaço de tempo (90 anos) entre o pensamento espírita e o pensamento de um economista contemporâneo, o que demonstra, mais uma vez, as antecipações da Doutrina Espírita em relação a problemas de nosso tempo:

**1947. H. Hansen:** *"Numa fase de industrialização e urbanização, o indivíduo não pode ordenar a sua vida isoladamente. Só conseguirá resolver os complexos problemas hodiernos mediante esforço conjugado e a ação cooperativa dos seus semelhantes".*

**1857. O Livro dos Espíritos:** *"O homem tem que progredir. Isolado não lhe é isso possível, por não dispor de todas as faculdades. Falta-lhe o contacto com os outros homens. No isolamento ele se embrutece e estiola".*

No fundo, o que resulta de suas conceituações de origens tão diferentes é um apelo de ordem ética, porque contrário ao egoísmo, mas identificado com o espírito de solidariedade, que continua a ser uma força social das mais ponderáveis. "Uma sociedade que se baseia na lei e na justiça de Deus - diz a Doutrina Espírita - deve prover à vida do fraco, sem que haja para ele humilhação".

É o caso da esmola, que humilha e não resolve os problemas. Mas o assunto provoca reflexões no campo sócioeconômico.

Fonte: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos>  
Texto publicado originalmente no livro "O Espiritismo e os Problemas Humanos".  
Edição USE, 1985. Primeira edição em 1948.  
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.





### Herminio de Miranda

**A**os olhos estreitos do mundo, a biografia de Herminio Miranda não daria o menor trabalho. Poderia ser resumida neste parágrafo. Filho de portugueses, nasceu em 5 de janeiro de 1920, em Volta Redonda, RJ. Depois de formar-se contador, trabalhou 38 anos na Companhia Siderúrgica Nacional, CSN, até se aposentar. Escritor espírita nas horas vagas, publicou mais de 30 livros, que já passaram de um milhão de exemplares vendidos. Todavia, para os espíritas, sua biografia não tem nada de pequena. É milenar e se estende por muitas existências. Todas as vidas de Herminio estão sutilmente relatadas na sua obra. Hermínio desencarnou em 9 de julho de 2013.

Durante quatro décadas, Herminio participou de grupos mediúnicos pequenos, mas de grande qualidade. Essa foi sua luneta, com a qual examinou, questionou e depois relatou a vida dos Espíritos; seus hábitos, caminhos de sofrimento, descobertas, arrependimentos e alegrias. Suas histórias estão contadas em [Diálogo com as Sombras](#), a série Histórias que os espíritos contaram, e tantos outros. Um guia interessante, seguro e prático de suas experiências é [Diversidade de Carismas](#). Ideal para grupos de estudos da mediunidade.

Outro instrumento de pesquisa utilizado por Herminio é o sonambulismo provocado. Herminio, talvez o mais importante e legítimo magnetizador de nosso tempo, aprendeu pelos livros de Albert de Rochas como, por meio de seu princípio vital, conduzir o magnetizado ao estado sonambúlico – descoberto por Mesmer no Magnetismo Animal, ciência irmã do Espiritismo. Allan Kardec conhecia esse fenômeno muito bem, pois estudou o sonambulismo por 35 anos. O Livro dos Espíritos tem todo um capítulo sobre o assunto.

Herminio percorreu os arquivos psíquicos de seus magnetizados, e depois relatou os casos e conclusões em suas obras. A mais impressionante experiência foi [Eu sou Camille Desmoulins](#). O autor despertou a lucidez sonambúlica de Luciano dos Anjos e descobriu uma vida anterior de Luciano na França, como o mordaz e ousado jornalista Camille Desmoulins, um dos artífices da Revolução Francesa.

A habilidade de Herminio, em libertar-se do tempo linear e percorrer os arquivos da alma, deu-lhe uma hábil intuição. Como num quebra-cabeça, ele deixou pistas registradas em seus escritos. Um leitor cuidadoso pode pinçar facilmente de seus livros o roteiro das vidas passadas. A obra de Herminio Miranda é uma imensa autobiografia. Os fatos históricos pesquisados por ele relatam sua própria trajetória espiritual, junto ao grupo de Espíritos que lutou pela verdade e liberdade contidas nos ensinamentos do Cristo. Sua dedicação à pesquisa da reencarnação, mediunidade e aos conceitos doutrinários foi laboriosamente construída em diversas vidas.



#### Cristianismo, a mensagem esquecida

Tudo começou centenas de anos antes de Cristo. Uma de suas sonâmbulas identificou Herminio como sacerdote no Egito. Naquele tempo, uma posição que significa conhecer os mistérios da mediunidade, do magnetismo animal, da cura psíquica e da filosofia sagrada. Mas, seguindo as regras de seu povo, esse conhecimento era mantido apenas aos privilegiados de uma pequena casta. O povo subjugado ficava escravizado pela ignorância. Como esclareceu Emmanuel em [A Caminho da Luz](#) os sábios egípcios vieram de outros planetas. Certamente, essa não foi a primeira encarnação de Herminio. Para ter esse conhecimento, no início da civilização, veio de outros orbes, com tantos outros, para auxiliar a humanidade, ainda criança.

Passaram-se alguns séculos, o antigo sacerdote despertou com o exemplo de Jesus. A doutrina secreta é para todos. Vem daí sua admiração pelo Mestre. E seu caminho de libertação. Durante o período do Cristianismo Primitivo, a vida cotidiana de Herminio já estava impregnada pelos ensinamentos de Jesus. “*Tenho a impressão de haver vivido lá, naquela época*”, talvez entre os gnósticos, afirmou o autor em [As Duas Faces da Vida](#). Os primeiros escritos cristãos ficaram perdidos nos pergaminhos destruídos pelo tempo, e, por outro lado, sobreviveram na escrita indelével do registro mental daqueles que vivenciaram os acontecimentos. Essa história – que investigou por sua própria regressão – Herminio ficou nos devendo. Ele não terminou a investigação.

Os detratores do Cristo começaram a combater e deturpar a mensagem da Boa Nova. Foi então que o antigo sacerdote egípcio uniu-se a outros trabalhadores. Pôs sua pena a serviço da resistência consciente diante da luta sangrenta contra a mensagem libertadora. Isso ocorreu na época dos Cátaros (Idade Média). “*Não há dúvida de que o catarismo foi um dos mais convincentes precursores do Espiritismo. (...) Seu propósito era o de um retorno à pureza original do Cristianismo*”, contou Herminio, em [As Duas Faces da Vida](#).



Tempos depois, quando a falsa interpretação tomou as rédeas da Igreja na Idade média, ressurgiu Herminio ao lado de Lutero, na figura de Melanchton, auxiliando a corajosa Reforma Protestante. Redigiu então a confissão de Augsburg, ponto de referência da separação entre católicos e protestantes. Ao concluir esse texto, assinado pelos príncipes germânicos, Melanchton definiu a firme resolução de restaurar a doutrina cristã: *“Pedro proíbe que os bispos dominem e coajam as igrejas. Pede-se apenas o seguinte: que permitam seja o Evangelho ensinado de maneira pura. Se não fizerem isso, então vejam lá eles mesmos como responderão perante Deus pelo fato de com essas teimosias darem causa a cisma”*, escreveu na Confissão.

Mas essa tarefa restauradora, anunciada por Jesus como a vinda do Consolador Prometido, cabia a Allan Kardec. Herminio estava lá. E nesse tempo viveu um papel anônimo, como inglês, pai do poeta Robert Browning. Nessa encarnação, Herminio passou seus últimos anos de vida em Paris e desencarnou em 1866. Dialogou com o Codificador, propôs algumas questões. Estava realizando a tarefa de compreender as explicações científicas e filosóficas esclarecedoras da Doutrina Espírita, para continuar sua missão.

Em 1920, atravessou o oceano, finalmente nasceu no Brasil, pátria atual da Doutrina Espírita –que anda esquecida na sua terra natal, França. A primeira geração de pesquisadores, Albert de Rochas, Crookes, Wallace, tiveram a preocupação de provar ao mundo a existência do espírito. Herminio não. Toma os postulados espíritas como lei natural. O Espiritismo segue o caminho do conhecimento humano, sua doutrina se confunde com a vida, e dela brota a verdade. Eis aí ressurgida a palavra original do Cristo: **caminho, verdade e vida**.

Sua obra se explica pelas palavras de Platão: *“Aprender é recordar”*. É o que fez Herminio. Lembrou os estudos, pesquisas e fatos vividos em sua história multimilenar. O antigo sacerdote do Egito rendeu-se à liberdade de consciência. De detentor do conhecimento passou a divulgar a Doutrina. Trocou o poder pela educação. Não estamos aqui idolatrando ou endeusando Herminio. Ele não se destaca de todos nós. É apenas um escriba fiel e consciente, de ontem, hoje e amanhã.

**FONTE: Revista Universo Espírita nº 19, encarte Universo Literário nº 2**  
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

## Na Trilha do Covid19

**A tarefaira do GEEDM Adelva Seixas Magro gentilmente nos trás seu depoimento de como enfrentou o Covid19 e de quanto o conhecimento da Doutrina Espírita ajudou a superar esse momento.**



**A**vizinhava-se final de maio, pandemia instalada no país, trazendo sua violência viral, o medo da maioria das pessoas, e a oportunidade de estudo e aprendizado da mesma...

A ciência possibilitando conhecimento, análises e trazendo consigo incertezas... receios...

Eu cá com meu ímpeto vigoroso de entender... aprender.Quando nos dispomos a aprender, o medo vai se dissipando e começamos trabalhar as possibilidades, nosso foco muda e aventamos a possibilidade de acontecer conosco...

No início de junho, em um momento que requeria ajuda, entrei em contato com o vírus e fui contaminada. Os primeiros sintomas surgiram, após uns 6 dias... Alguns já haviam aparecido, mas não me dei conta.Recebi um telefonema da pessoa a qual tive contato, que com tristeza me informou que estava com a doença e me alertando para a possibilidade estar também... Então, numa segunda-feira pela manhã um sintoma específico surgiu...

Apavorada? Aflita? Assustada? Serei sincera ao dizer que entendi somente naquele instante o porque de haver estudado e acompanhado, com tanta curiosidade as informações...Imediatamente tomei as providências necessárias, para meu isolamento em casa, bem como para proteger meu companheiro.


O isolamento e o desenrolar da doença, com dificuldades físicas e dores me fizeram refletir quanto a importância do conhecimento e ao que dá mais confiança e lucidez: a doutrina espírita.

Em momento algum de minha experiência, senti desespero ou desalento. Vi somente a oportunidade de olhar para a vida e ver o que realmente é necessário...o que nos preenche e dá sentido...

Sentido de ser um espírito, sentido humano, ver a possibilidade das virtudes florescerem e acima de tudo: entender o Amor Divino...

Quantas voltas damos inutilmente para voltar ao mesmo lugar? Quantas oportunidades deixamos desfazer no tempo... e perdemos desse tempo ser agora...



 O covid19 me ensinou e continua me ensinando: É uma doença perigosa, não devemos subestimar ou ignorar...ela existe e está aí. Os números deixam claro a sua letalidade... mas podemos lutar contra essa situação,obedecendo às regras protocoladas pelos órgãos competentes.

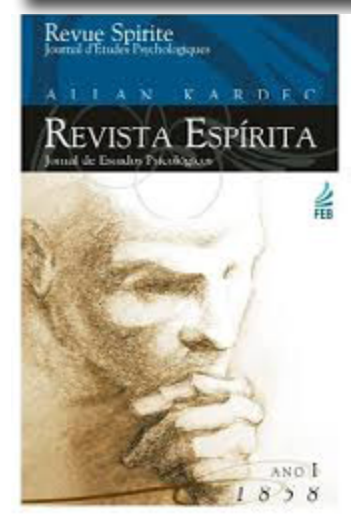
Desenvolver covid19 não é receber um atestado de óbito! Percebi uma grande oportunidade de reagir, colocar em prática o aprendizado da doutrina adquirido depois tantas décadas, saber que há uma parte que nos pertence e outra que não é nossa. O compromisso é exatamente fazermos a nossa, com otimismo, bom senso e trabalhar imensamente a gratidão...

Como diz a música *Feliz Caminhar* de Zelia Duncan... *Colocar a Alma Pra Pensar...*

Ouçã a música:

<https://www.youtube.com/watch?v=HFhHickqDzw>

## Instruindo-se com a Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos



Textos extraídos da Revista Espírita, para um conhecimento mais aprofundado do trabalho de Kardec e das comunicações espirituais ou, como ele mesmo o disse, servir de complemento da Codificação.

### Ano V- Julho de 1862 - Nº 7 Estatística de Suicídios

Lê-se no Siècle de... maio de 1862:

“Na Comédia social no século dezenove, novo livro que o Sr. B. Gastineau acaba de publicar pela Editora Dentu, encontramos esta curiosa estatística de suicídios:

*“Calculou-se que desde o começo do século o número de suicídios na França não se eleva a menos de 300.000; e tal estimativa talvez esteja aquém da verdade, pois a estatística só oferece resultados completos a partir de 1836. De 1836 a 1852, isto é, num período de dezessete anos, houve 52.126 suicídios, ou seja, uma média de 3.066 por ano. Em 1858, contaram-se 3.903 suicídios, dos quais 853 mulheres e 3.050 homens; enfim, segundo a última estatística que vimos no correr do ano de 1859, 3.899 pessoas se mataram, a saber: 3.057 homens e 842 mulheres.”*

“Constatando que o número de suicídios aumenta todos os anos, o Sr. Gastineau deplora em termos eloqüentes a triste monomania que parece haver-se apoderado da espécie humana.”

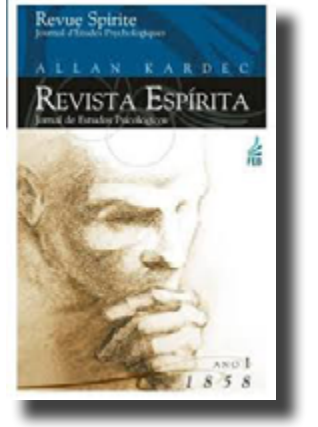
Eis uma rápida oração fúnebre pelos infelizes suicidas. Entretanto, a questão nos parece muito grave e merece um exame sério. Do ponto de vista em que estão as coisas, o suicídio não é mais um fato isolado e accidental; pode, com inteira razão, ser considerado como um mal social, uma verdadeira calamidade. Ora, um mal que regularmente elimina de três a quatro mil pessoas por ano num único país e segue uma progressão crescente, não é devido a uma causa fortuita; há necessariamente um radical, absolutamente como quando se vê um grande número de pessoas morrer da mesma doença, o que deve chamar a atenção da Ciência e a solicitude das autoridades. Em semelhante caso, limitam-se a verificar o gênero de morte e o modo empregado para a executar, enquanto é negligenciado o elemento essencial, o único que nos poderia pôr no caminho do remédio: o motivo determinante de cada suicídio. Chegar-se-ia, assim, a constatar a causa predominante; mas, salvo circunstâncias muito características, acham mais simples e mais cômodo arrolá-los na classe dos monômanos e dos maníacos.

Incontestavelmente há suicídios por monomania, realizados fora do domínio da razão, por exemplo, os que ocorrem na loucura, na febre ardente, na embriaguez. Nestes a causa é puramente fisiológica; mas ao lado está a categoria, muito mais numerosa, dos suicídios voluntários, realizados com premeditação e com pleno conhecimento de causa. Certas pessoas imaginam que o suicida jamais esteja no seu bom-senso; é um erro de que partilhávamos outrora, mas que caiu ante uma observação mais atenta. Com efeito, estando em a Natureza o instinto de conservação, é muito racional pensar que a destruição voluntária seja contra a Natureza, razão pela qual muitas vezes se vê o instinto triunfar no último instante sobre a vontade de morrer, donde se conclui que, para realizar esse ato, é preciso ter perdido a cabeça.

Sem dúvida muitos suicidas são nesse momento tomados por uma espécie de vertigem e sucumbem a um primeiro momento de exaltação; se o instinto de conservação os domina no último instante, eles como que voltam à realidade e se agarram à vida. Mas é muito evidente, também, que muitos se matam a sangue-frio e com reflexão; e a prova está nas precauções calculadas que tomam, na ordem raciocinada que põem nos negócios, o que não é uma característica de loucura. Faremos notar, sem maior exame, um traço peculiar do suicídio: é que os atos desta natureza, realizados em lugares completamente isolados e desabitados, são excessivamente raros;



O homem perdido no deserto ou no mar morrerá de privações, mas não se suicidará, mesmo não esperando nenhum socorro. Aquele que voluntariamente quer deixar a vida aproveita bem o momento em que está só para não ser tolhido em seu desígnio, mas o faz de preferência nos centros populosos, onde seu corpo ao menos terá alguma chance de ser encontrado. Um pulará do alto de um monumento no centro da cidade, e não do alto de um penhasco, onde não lhe restará traço algum; outro se enforcará no Bois de Boulogne<sup>34</sup>, e não numa floresta, onde ninguém passa. O suicida não quer ser impedido, mas deseja que se saiba, cedo ou tarde, que se suicidou; parece-lhe que essa lembrança dos homens o liga ao mundo que quis deixar, tanto é certo que a idéia do nada absoluto tem algo de mais aterrador que a própria morte. Eis um curioso exemplo que vem apoiar esta teoria: Por volta de 1815, um rico inglês foi visitar a famosa cachoeira do Reno; ficou de tal modo entusiasmado, que voltou à Inglaterra, pôs ordem em seus negócios e voltou, alguns meses depois, para se precipitar no turbilhão. É, incontestavelmente, um ato de originalidade, mas duvidamos muito que ele se atirasse da catarata do Niágara, caso ninguém viesse saber do fato. Uma singularidade de caráter causou o ato; mas o pensamento de que iriam falar dele determinou a escolha do local e o momento. Caso seu corpo não fosse encontrado, pelo menos sua memória não desapareceria.



<sup>34</sup> N. do T.: Grifo nosso. Grande área verde localizada a oeste de Paris.  
(Parque público)

Em falta de uma estatística oficial, que desse a exata proporção dos diversos motivos de suicídio, não resta dúvida de que os casos mais numerosos são determinados pelos reveses da fortuna, as decepções, os pesares de qualquer natureza. Neste caso o suicídio não é um ato de loucura, mas de desespero. Ao lado desses motivos, que poderiam ser chamados sérios, uns há que são evidentemente fúteis, sem falar do indefinível desgosto pela vida, em meio aos prazeres, como o que acabamos de citar. O que é certo é que todos os que se suicidam só recorrem a esse extremo, com ou sem razão, porque não estão contentes. Sem dúvida a ninguém é dado remediar esta causa primária; contudo, o que se deve deplorar é a facilidade com a qual os homens cedem, desde algum tempo, a esse arrastamento fatal. É isto, sobretudo, que deve chamar a atenção e que, a nosso ver, é perfeitamente remediável.

Muitas vezes pergunta-se se há covardia ou coragem no suicídio. Incontestavelmente há covardia ante as provas da vida, mas há coragem em afrontar as dores e as angústias da morte. Parece que estes dois pontos encerram todo o problema do suicídio.

Por mais pungentes que sejam as opressões da morte, o homem as afronta e as suporta, se for estimulado pelo exemplo. É a história do conscrito que, sozinho, recuava diante do fogo, ao passo que ficava eletrizado, vendo que os outros marchavam sem medo. Dá-se o mesmo com o suicida: a visão dos que se libertam por esse meio dos aborrecimentos e desgostos da vida os leva a pensar que em breve esse momento passará; aqueles que pudessem ser retidos pelo temor do sofrimento dirão que, desde que muitos assim o fazem, também podem fazer o mesmo; que é preferível sofrer alguns instantes a padecer durante anos. É somente nesse sentido que o suicídio é contagiante. O contágio não está nos fluidos nem nas atrações, mas no exemplo, que se acostuma com a idéia da morte e com o emprego dos meios para a executar. Isto é tão verdadeiro que quando se dá um suicídio de certa maneira, não é raro se sucederem outros do mesmo gênero. A história da famosa guarita onde em pouco tempo se enforcaram quatorze militares não tinha outra causa. O meio lá estava à vista; parecia cômodo e, por pouco que esses homens tivessem a veleidade de acabar com a vida, o aproveitavam. A simples visão poderia fazer brotar a idéia. Tendo sido o fato contado a Napoleão, este ordenou que queimassem a guarita. O mal cessou, desde que o meio já não estava à vista.

A publicidade dada aos suicídios produz sobre as massas o efeito da guarita; excita, encoraja, acostuma-se com a idéia e, até mesmo, a provoca. Sob esse aspecto consideramos as descrições do gênero e que abundam nos jornais como uma das causas excitantes do suicídio: elas dão a coragem de morrer. Acontece o mesmo com os crimes, com a ajuda dos quais se excita a curiosidade pública, produzindo um verdadeiro contágio moral; jamais detiveram um criminoso, enquanto fizeram surgir mais de um.

Examinemos agora o suicídio de um outro ponto de vista. Dizemos que, sejam quais forem os motivos particulares, tem sempre o descontentamento como causa. Ora, aquele que está certo de não ser infeliz senão por um dia e de estar melhor nos dias seguintes, facilmente adquire paciência; só se desespera se não vê um termo para os seus sofrimentos.

A incredulidade, a simples dúvida quanto ao futuro, as idéias materialistas são, numa palavra, os maiores excitantes do suicídio: levam à covardia moral. E quando se vêem homens de ciência apoiarem-se na autoridade de seu saber, esforçando-se por provar aos seus ouvintes ou leitores que nada devem esperar depois da morte, não é conduzi-los a essa consequência de que, se são infelizes, nada têm melhor a fazer do que se matarem? O que lhes poderiam dizer para os desviar do suicídio? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança podem dar? Nada que não seja o nada. Devemos, pois, concluir que se o nada é um remédio heróico, a única perspectiva, melhor é cair imediatamente do que mais tarde, sofrendo, assim, por menos tempo. A propagação das idéias materialistas é, pois, o veneno que inocula em muitos a idéia do suicídio, e os que se tornam seus apóstolos assumem uma terrível responsabilidade.





A isto talvez objetem que nem todos os suicidas são materialistas, considerando-se que há pessoas que se matam para mais depressa ganharem o céu, e outras para se reunirem mais cedo àqueles a quem amaram. É verdade, mas é, incontestavelmente, o menor número, de que nos convenceríamos se dispuséssemos de uma estatística, feita conscienciosamente, das causas íntimas de todos os suicídios. Seja como for, se as pessoas que cedem a tal pensamento crêem na vida futura, torna-se evidente que dela fazem um juízo completamente falso e a maneira pela qual a apresentam em geral não é muito apropriada para fazerem uma idéia mais justa. O Espiritismo não só vem confirmar a teoria da vida futura, mas a prova pelos fatos mais patentes possíveis: o testemunho daqueles que nela se encontram. E faz mais, ao no-la mostrar sob cores tão racionais, tão lógicas, que o raciocínio vem em apoio da fé. Não sendo permitida a dúvida, muda o aspecto da vida; sua importância diminui em razão da certeza que se adquire de um futuro mais próspero. Para o crente, a vida se prolonga indefinidamente para além do túmulo; daí a paciência e a resignação que naturalmente afastam a idéia do suicídio; daí, numa palavra, a coragem moral.



Sob esse aspecto tem ainda o Espiritismo um outro resultado muito positivo e, talvez, mais determinante. Bem diz a religião que o suicídio é um pecado mortal, pelo qual se é punido. Mas como? Pelas chamas eternas, nas quais não mais se acredita. O Espiritismo nos mostra os próprios suicidas vindo explicar a sua posição infeliz, mas com uma diferença: as penas variam de acordo com as circunstâncias agravantes ou atenuantes, o que é mais conforme à justiça de Deus; que, em vez de serem uniformes, são a consequência muito natural da causa que provocou a falta, o que não se pode deixar de aí ver uma soberana justiça, distribuída com equidade.


Entre os suicidas uns há cujo sofrimento, não obstante temporário, nem por isso é menos terrível e capaz de fazer refletir a quem quer que se sinta tentado a partir daqui antes da ordem de Deus. O espírita tem, assim, como contrapeso ao pensamento do suicídio vários motivos: a certeza de uma vida futura, na qual sabe que será tanto mais feliz quanto mais infeliz e resignado tiver sido na Terra; a certeza de que, abreviando a vida, chega a um resultado inteiramente oposto ao que esperava; que se liberta de um mal para cair noutro pior, mais longo e mais terrível; que não poderá rever no outro mundo os objetos de suas afeições, aos quais queria unir-se. Chega, assim, à conclusão de que o suicídio é contra os seus interesses. É por isso que o número de suicídios evitados pelo Espiritismo é considerável; de onde se pode inferir que, quando todo o mundo for espírita, não mais haverá suicídios voluntários, o que acontecerá mais cedo do que se imagina. Comparando, pois, os resultados das doutrinas materialista e espírita, apenas do ponto de vista do suicídio, constatamos que a lógica de um a ele conduz, enquanto a lógica do outro dele afasta, o que é confirmado pela experiência.

Mas – perguntarão – por esse meio destruireis a hipocondria, essa causa de tantos suicídios não motivados, desse insuportável desgosto da vida, que nada parece justificar? Esta causa é eminentemente fisiológica, ao passo que as outras são morais. Ora, se o Espiritismo só curasse estas, já seria muito; a primeira é, propriamente falando, da alçada da Ciência, à qual poderíamos abandoná-la, dizendo: Nós curamos aquilo que nos diz respeito; por que não curais o que é da vossa competência? Contudo, não hesitamos em responder à questão afirmativamente.

Evidentemente certas afecções orgânicas são alimentadas, e mesmo provocadas, pelas disposições morais. O desgosto da vida o mais das vezes é fruto da saciedade. O homem que tudo usou, não vendo nada além, está na situação do ébrio que, tendo esvaziado a garrafa e nada mais tendo, a quebra. Os abusos e os excessos de toda sorte levam forçosamente a um enfraquecimento e a uma perturbação das funções vitais; daí uma porção de doenças cuja fonte é desconhecida e que julgamos causativas, quando, na verdade, são apenas consequências; daí, também, uma sensação de langor e de desalento. O que faltaria ao hipocondríaco para combater suas idéias melancólicas? Um objetivo na vida, um móvel à sua atividade. Que objetivo pode ter se em nada crê? O espírita faz mais do que acreditar no futuro: sabe, não pelos olhos da fé, mas pelos exemplos que tem à frente, que a vida futura, à qual não pode escapar, é feliz ou infeliz conforme o emprego que faça da vida corpórea; que a felicidade é proporcional ao bem que fizer.

Ora, certo de viver depois da morte, e de viver muito mais tempo do que na Terra, é muito natural que pense em ser ali o mais feliz possível; além disso, certo de lá ser infeliz se não fizer o bem, ou mesmo se, não fazendo o mal, nada faz, compreende a necessidade de uma ocupação, o melhor preservativo contra a hipocondria. Com a certeza do futuro, tem um objetivo; com a dúvida, não o tem. É tomado pelo tédio e acaba com a vida porque nada mais espera. Que nos permitam uma comparação um pouco trivial, mas à qual não falta analogia: Um homem passou uma hora assistindo a um espetáculo. Se pensa que a peça acabou, levanta-se e sai; mas se souber que ainda vão representar coisa me-lhor e mais longa do que o que viu, ficará, mesmo que no pior lugar. A espera do melhor nele vencerá a fadiga. As mesmas causas que levam ao suicídio também provocam a loucura. O remédio de um é o remédio da outra, como o demonstramos alhures.


Infelizmente, enquanto a Medicina só levar em conta o elemento material, privar-se-á de todas as luzes que lhe traria o elemento espiritual, o qual representa papel tão ativo num grande número de afecções. Além disso, o Espiritismo nos revela a causa primeira do suicídio, e só ele o poderia fazer. As tribulações da vida são, ao mesmo tempo, expiações de faltas de vidas passadas e provas para o futuro. O próprio Espírito as escolhe, visando ao seu adiantamento;mas pode acontecer que, uma vez na obra, ache muito pesada a carga e recue na sua execução; é, então, que recorre ao suicídio, o que o retarda, ao invés de o fazer avançar.

 Acontece ainda que um Espírito se suicidou em precedente encarnação e, como expiação, é-lhe imposto na seguinte lutar contra a tendência do suicídio. Se sair vitorioso, progride; se sucumbir, terá de recomeçar uma vida talvez mais penosa ainda que a precedente e, assim, deverá lutar até que haja triunfado, pois toda recompensa na outra vida é fruto de uma vitória, e quem diz vitória diz luta. O espírita haure, pois, na certeza que ele tem deste estado de coisas, uma força de perseverança que nenhuma outra filosofia lhe poderia dar.



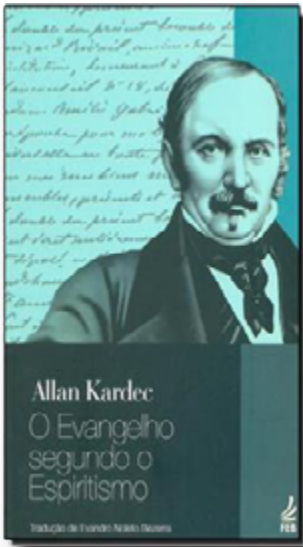
Fonte: Revista Espírita Ano V - Julho de 1862  
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Adquira seus livros na livraria do GEEDEM e ajude nossa Casa!  
(11) 99319-6265 



## Desvendando O Evangelho Segundo o Espiritismo



Lançada em 15 de abril de 1864, esta terceira obra básica da codificação espírita aborda os chamados evangelhos canônicos sob a ótica do espiritismo. Não se trata de uma "bíblia espírita" ou mesmo de reinterpretação doutrinária deste livro. Sua introdução define seu objetivo: abordar exclusivamente o ensinamento moral do evangelho, pois esse código divino “é, acima de tudo, o caminho infalível da felicidade esperada”. Baseado em instruções dos espíritos superiores, Allan Kardec se empenha em extrair dos evangelhos princípios universais de ordem ético moral e demonstrar sua consonância com aqueles defendidos pelo espiritismo. Composto de 28 capítulos, 27 dos quais dedicados às explicações das máximas de Jesus, O Evangelho Segundo o Espiritismo restabelece os ensinamentos do Mestre Nazareno em seu verdadeiro sentido – em espírito e verdade –, e torna-se leitura obrigatória a todos que se preocupam com a formação moral, não importando sua crença religiosa.

### Capítulo XXIII - Estranha Moral

#### » Deixai Aos Mortos o Cuidado de Enterrar Seus Mortos

7. Disse a outro: *Segue-me; e o outro respondeu: Senhor, consente que, primeiro, eu vá enterrar meu pai.* – Jesus lhe retrucou: *Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o reino de Deus.* (S. LUCAS, 9:59-60.)
8. Que podem significar estas palavras: “Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos”? As considerações precedentes mostram, em primeiro lugar, que, nas circunstâncias em que foram proferidas, não podiam conter censura àquele que considerava um dever de piedade filial ir sepultar seu pai. Têm, no entanto, um sentido profundo, que só o conhecimento mais completo da vida espiritual podia tornar perceptível.

A vida espiritual é, com efeito, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito, sendo-lhe transitória e passageira a existência terrestre, espécie de morte, se comparada ao esplendor e à atividade da outra. O corpo não passa de simples vestimenta grosseira que temporariamente cobre o Espírito, verdadeiro grilhão que o prende à gleba terrena, do qual se sente ele feliz em libertar-se. O respeito que aos mortos se consagra não é a matéria que o inspira; é, pela lembrança, o Espírito ausente quem o infunde. Ele é análogo àquele que se vota aos objetos que lhe pertenceram, que ele tocou e que as pessoas que lhe são afeiçoadas guardam como relíquias. Era isso o que aquele homem não podia por si mesmo compreender. Jesus lho ensina, dizendo: Não te preocupes com o corpo, pensa antes no Espírito; vai ensinar o reino de Deus; vai dizer aos homens que a pátria deles não é a Terra, mas o céu, porquanto somente lá transcorre a verdadeira vida.





## Reflexão sobre o capítulo:

*“E a outro disse Jesus: Segue-me. E ele lhe disse: Senhor, permite-me que eu vá primeiro enterrar meu pai. E Jesus lhe respondeu: Deixa que os mortos enterrem os seus mortos, e tu vai, e anuncia o Reino de Deus. (Lucas, IX: 59 e 60)*

Analisadas as palavras “*Deixa que os mortos enterrem seus mortos*”, no contexto geral dos seus ensinamentos, Jesus, uma vez mais, ressaltou a importância da vida espiritual, que antecede a esta, e continua após a morte, dos seus valores para o Espírito eterno, que vem à Terra para desenvolver-se, para completar-se, visto não ser ainda obra acabada.

Também neste texto evangélico, vemos Jesus impedindo um costume sagrado que é o dos familiares enterrarem os seus mortos, como condição para aceitar alguém como seu discípulo, o que não condiz com a sua doutrina de respeito, de amor ao próximo.

Jesus aproveitava todas as circunstâncias e situações cotidianas para expressar seus ensinamentos, algumas vezes com palavras fortes, para que elas não fossem esquecidas, uma vez que ele nada escrevia.

Se pensarmos bem no ato de enterrar um morto, sabemos que apenas um corpo sem vida é enterrado. A alma, o ser espiritual que o habitava, ali não está, tendo sido expulso do corpo, quando perdeu sua vitalidade orgânica.

O que se enterra é apenas um corpo sem vida, que merece consideração e respeito, como um instrumento do Espírito, enquanto encarnado. Cumprida a sua tarefa, decompõe-se nos seus elementos constitutivos, que irão formar outros corpos.

E o amor que se dedica a alguém não é ao corpo, mas ao ser inteligente que vive nele, expressando-se, manifestando-se, agindo, através dele.

Assim compreendendo, percebe-se melhor esse ensino do Mestre, que quis chamar a atenção para as coisas espirituais, para a vida futura, que é a verdadeira, porque é a eterna.

A existência terrestre é transitória e passageira, em que o corpo constitui apenas em uma vestimenta grosseira, limitando as expressões espirituais, expressando apenas as que se relacionem com suas necessidades atuais.

Desse modo, um músico sensível à música, por exemplo, mas desrespeitoso, indiferente aos sofrimentos alheios, poderá reencarnar com um corpo, cujo cérebro não lhe permite expressar sua capacidade musical, para desenvolver sentimentos fraternos e outras habilidades.

Se, nessa existência, ele iniciar o desenvolvimento de sentimentos nobres, poderá em uma nova, expressar sua musicalidade, uma vez que toda habilidade, todo conhecimento adquiridos jamais serão perdidos.

O respeito que se sente pelos mortos é sempre endereçado à pessoa que aqui viveu, continuando a viver em outros planos, refazendo-se em novas experiências, num aprendizado constante, evoluindo sempre em inteligência e moralidade.

Na Terra, se vive tantas vezes quantas forem necessárias, mas não será nela, mundo material, que o Espírito viverá, quando o desenvolvimento alcançado lhe permitir viver em planos mais elevados, até poder viver a plenitude da vida espiritual, sem necessidade de viver em mundos materiais, a não ser em missões especiais.

O que Jesus disse àquele homem foi: *“Não vos inquieteis com o corpo, mas pensai antes no Espírito; ide pregar o Reino de Deus: ide dizer aos homens que a sua pátria não se encontra na Terra, mas no Céu, porque somente lá é que se vive a verdadeira vida.”*

Fontes: O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap VI

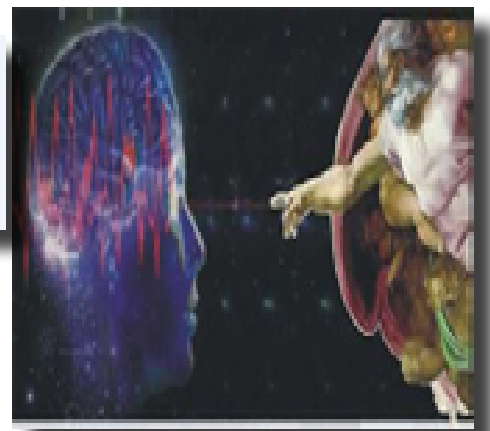
Reflexão: Leda de Almeida Rezende Ebner- [cebatuira.org.br](http://cebatuira.org.br)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



“O Espiritismo e a Ciência se complementam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.

(Allan Kardec- A Gênese Cap. I - item 16)



## Microcosmo e Macrocosmo: Deus em Tudo

O homem é o único ser que consegue perceber o microcosmo dentro de si mesmo e, ao mesmo tempo, cada vez mais amplia seu conhecimento, constatando a magnitude e complexidade desse mundo infinitamente minúsculo. Até o final do século XIX, achava-se que o átomo era indivisível, conceito já explanado, em primeira mão, pela vetusta filosofia grega, em torno do século V (A.C.), através dos sábios Leucipo e Demócrito.

Na caminhada de descobrimento do muitíssimo pequeno, através do revolucionário microscópio de varredura por efeito túnel (*scanning tunnelling microscope* ou *STM*), surgiu a nanotecnologia, com seus objetos de estudo aferidos em nanômetros — um milhão de vezes menor que um milímetro, com a visão surpreendente da vida em dimensão extremamente diminuta, podendo os cientistas visualizar e manusear os átomos, constatando que, ao mesmo tempo, os elétrons se comportam como partículas e como ondas, fenômeno perfeitamente compreensível e aceitável pela física quântica; contudo, inadmissível para a física clássica.

Há décadas os cientistas vêm percebendo que muito do comportamento dos prótons e nêutrons, situados no núcleo do átomo, poderia ser explicado se os mesmos possuísem algum tipo de estrutura interna, constituída de partículas ainda menores. Daí surgiu a existência dos quarks, léptons e bósons, os quais seriam componentes de uma grande e enigmática teia, trocando partículas entre si e gerando força.

Apresentando algum tipo de estrutura, eles podem igualmente ser constituídos de componentes ainda menores e estar, então, conectados, interrelacionados e subordinados talvez à uma força extremamente poderosa que a ciência, no estado atual, ainda não pôde catalogar. Com o decorrer das experiências científicas, certamente a dimensão extrafísica do homem será descortinada e proclamada pelos sábios diante de suas Sociedades, Associações e Academias.

Nesse sublime instante, o Mestre Jesus passará a reinar para sempre nos corações humanos, sendo ele a prova viva da presença do espírito imortal, com sua vestimenta ultraenergética, saturada de incomensuráveis energias, resultantes de incalculável intercâmbio de vigorosas e plenas partículas, situadas nas dimensões do Infinito e artífices das catalogadas hodiernamente pela ciência terrena no mundo subatômico.

O microcosmo é o mundo do homem consciente, visualizando o Universo, o macrocosmo, e se sentir integrado nele, correspondendo-se entre si. Em verdade, nós navegamos pelo macrocosmo, em uma embarcação, constituída de ferro, pedra e água, iluminada por uma estrela de 5ª grandeza, o Sol.

Nessa morada, planeta Terra, desenvolvemos muitos potenciais e nos preparamos para despertar cada vez melhor, na dimensão espiritual, e poder desbravar paulatinamente o macrocosmo, porquanto é impossível viajar pelo Universo, na vivência física, diante da marcante fragilidade humana. Através das existências sucessivas e com o aprimoramento espiritual, nos tornamos aptos a compreender o Universo e poder habitá-lo gradativamente, desde uma esfera inferior até às superiores, até granjearmos, em definitivo, “olhos para ver” e “ouvidos para ouvir” (Mateus 11:15).

Segundo o conhecimento científico, o macrocosmo começou por ser microcosmo, quando se formaram as mais leves partículas fundamentais da matéria, como o elétron, cerca do primeiríssimo segundo após a grande explosão (big-bang), no que se presume seja a origem do Universo. Em verdade, o microcosmo corresponde à miniatura dele. É possível que ele, tão grandioso e infinito para o homem, possa ser, além dos buracos negros, também um microcosmo de algo ainda de maior grandiosidade que ele mesmo.

O microcosmo é o mundo do átomo, com seus incomensuráveis elétrons e o núcleo inundado de energia, enquanto o macrocosmo é o mundo incomensurável das galáxias, estrelas, planetas e corpos celestes.

Hermes Trimegisto, que viveu no Egito antigo, em torno de 2700 A.C., considerado o pai da Ciência Oculta, o fundador da Astrologia e o descobridor da Alquimia já dizia que “o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima”.

Tanto o homem das ciências astronômicas, quanto o cientista do mundo subatômico, certamente penetra em dimensões situadas além da nossa compreensão. No microcosmo, milhões de células com seus núcleos revelando uma infinidade de genes e mais profundamente um universo em miniatura com um número astronômico de átomos, gerando possante energia e com os elétrons, assim como os corpos celestes, girando efusivamente em volta do núcleo.



Já no macrocosmo existem centenas de bilhões de galáxias, tendo a probabilidade de haver, em cada uma delas, uma centena de bilhão de estrelas. No Universo presume-se haver dez bilhões de trilhão de planetas, corroborando o ensinamento do Mestre de todos nós: *“Na casa de meu Pai há muitas moradas...”* (João 14:2).

As dimensões do Cosmos são realmente incomensuráveis. As distâncias são medidas através da velocidade da luz. Um raio luminoso percorre por segundo cerca de 300.000 quilômetros. Em um ano, a luz atravessa cerca de dez trilhões de quilômetros, o que corresponde a uma unidade de comprimento chamada de ano-luz. Do Sol ao centro da Via-Láctea são 30.000 anos-luz.

Certamente, ao lado das teorias e equações revelando a grandiosidade do micro e macrocosmo, encontramos indícios de uma mente superior, “causa inteligente de todas as coisas”, a quem Jesus chama de “Meu Pai” e o Evangelho define como “Amor”. Em verdade o microcosmo e o macrocosmo espelham, em sua complexidade, beleza e harmonia, a existência de uma “Inteligência” que não pode ser atribuída ao acaso, ao nada.



É de pasmar o progresso obtido pela ciência, principalmente, quando vivemos numa esfera insignificante do Universo, num pequenino ponto planetário, localizado em uma sombria esquina da nossa galáxia. O nosso orbe, dentro do Sistema Solar, é um dos menores. Em relação à Via-Láctea, que é apenas uma galáxia diante de bilhões de outras, a Terra não passa de um pequeníssimo cisco de rocha e metal, com seu diâmetro menor que a centésima parte do Sol.

O macrocosmo e o microcosmo são frutos do pensamento e da ação do Criador, uma obra planejada e executada pelo Grande Geômetra do Universo. O espaço diminuto, abrangendo turbilhão de átomos, e o Espaço Sideral tiveram uma formação causal, nunca casual. Enfatizam os instrutores da dimensão espiritual: *“Que homem de bom senso pode considerar o acaso um ser inteligente? E, demais, que é o acaso? Nada”* (Q. 8 de “OLE”). Allan Kardec, complementando o assunto, diz, com muita sabedoria: *“A harmonia existente no mecanismo do Universo patenteia combinações e desígnios determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente.*

*Atribuir a formação primária ao acaso é insensatez, pois que o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso”.*

Divaldo Pereira Franco, no livro [“Moldando o Terceiro Milênio”](#), diz: *“Na Via-Láctea, e para além dela, miríades de astros e de focos estelares desafiam o olhar perquiridor das profundezas celestes. Que serão aqueles rincões celestes distantes? Serão outros tantos teatros de evolução e renovação, criados pelas mesmas e eternas leis cósmicas? Uma perfeita harmonia preside a marcha e o equilíbrio desses milhões de mundos longínquos, movendo-se sob a direção do Grande Geômetra do Universo. A simples contemplação desses fantásticos mundos siderais é permanente lição de humildade, ante tão indescritível cenário submetido aos desígnios do Criador de todas as coisas”.*

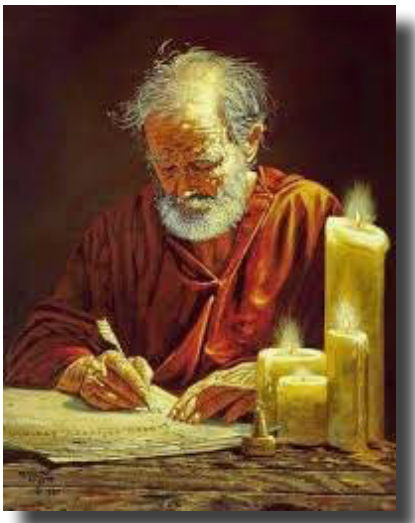
Em verdade, a maior prova da presença da Divindade é a possibilidade do microcosmo dentro de cada criatura terrestre poder contemplar a abóboda celestial, à noite, e penetrar em uma dimensão tão complexa e enigmática, onde se movem bilhões e bilhões de astros, expressão segura de um transcendental Ser Superior. O microcosmo, ligado ao macrocosmo, em verdade representa uma coisa só, um em miniatura e o outro infinito. Realmente, *“somos deuses”* (João 10:34) e o *“Reino de Deus está dentro de nós”* (Lucas 17:21), segundo o ensinamento de um Mestre que já conquistou a plenitude cósmica: O excelso mensageiro de Deus que *“se fez carne e habitou entre nós”* (João 1:14).

Assim como Jesus conseguiu conquistar a perfeição, todos nós, diante do Infinito, viajando no veículo da imortalidade, igualmente a granjearemos. Então, estaremos aptos a compreender o micro e habitar o macrocosmo. Tudo realmente tem uma causa e fomos criados para a ventura eterna por um Ser, definido, no Espiritismo, como *“Inteligência Suprema, Causa Primária de todas as coisas”* (OLE nº 1) e que se remonta à Eternidade.

Américo Domingues Nunes Filho

Fonte: [correioespirita.org](#)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



**Você sabia?**  
**Epístolas de Paulo**

No final do livro *Fonte Viva*, de Emmanuel, há um índice, por capítulos e versículos, das obras *Caminho Verdade e Vida*, *Pão Nosso*, *Vinha de Luz* e *Fonte Viva* em que são comentados, pelo Espírito Emmanuel, alguns versículos do Novo Testamento. Em relação às Epístolas de Paulo, há mais de 250 mensagens. Assim, para uma melhor compreensão destas epístolas, convém procurarmos nas referidas obras os comentários desse Espírito luminar. Os ensinamentos de Paulo, contidos nas Epístolas, são extremamente úteis para a nossa vivência nos dias que correm. Contudo, é preciso que a nossa visão alcance horizontes mais vastos, a fim de captar a verdadeira mensagem espiritual dessas cartas apostólicas.



O objetivo desta coluna é ressaltar a importância do estudo e conhecimento das leis naturais ou divinas. O tema é tão vasto e valioso que sempre se poderá falar dessas leis, inesgotáveis em sua fonte de ensinamentos. Suas sublimes lições à vida do transeunte na jornada terrena são repletas de preciosas instruções, merecedoras de reflexão e esforço para vivência cotidiana.

Lei da Conservação

O instinto de conservação é uma lei da natureza pois todos os seres vivos o possuem, qualquer que seja o seu grau de inteligência. Em uns é puramente mecânico e em outros é racional.

Nos irracionais o instinto de conservação funciona equilibradamente, obedecendo a controles automáticos, sem maiores problemas. Superado o perigo, voltam à normalidade.

No ser humano o mecanismo é mais complexo, posto que, exercitando a inteligência, somos chamados a participar desse controle. A dificuldade reside em nosso despreparo. É natural que, em face de uma ameaça o instinto de conservação mobilize defesas, colocando-nos de prontidão, despertos, ativos ao máximo.

Entretanto, trata-se de um estado de exceção que deve ser prontamente superado ou nos esgotaremos, favorecendo a evolução de desajustes físicos e psíquicos. Seria como uma máquina colocada a funcionar em velocidade máxima, ininterruptamente. Em pouco tempo necessitaria de reparos.

O instinto de conservação está presente em todos os seres porque devem colaborar nos desígnios da Providência, ou seja, na evolução. E para isso, é preciso viver. A vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres. Eles o sentem instintivamente, sem disso se aperceberem.

O homem deve procurar prolongar a sua vida para cumprir a sua tarefa. Foi por isso que Deus lhe deu o instinto de conservação e esse instinto o sustenta nas suas provas. O instinto de conservação faz com que o homem passe a repelir a ideia da morte e lute pelo prolongamento de sua vida. Deste modo, cabe tão somente a ele aproveitar ou não as oportunidades de crescimento que a jornada terrestre proporciona.

Deus, dando aos seres a necessidade de viver, sempre lhe forneceu os meios para isso. Se ele não os encontra é por falta de compreensão. Deus não podia dar ao homem a necessidade de viver sem lhe dar também os meios. É por isso que faz a terra produzir de maneira a fornecer o necessário a todos os seus habitantes, pois só o necessário é útil; o supérfluo jamais o é.

O homem, no entanto, deve ter o pleno conhecimento da sua posição de usufrutuário – tem a posse momentânea, podendo “usar e fruir”, porém, com a condição inalienável de “conservar”, ou “bem empregar” tudo aquilo que lhe foi emprestado.

Consequentemente, de forma natural, em havendo o abuso, haverá a responsabilização proporcional.

Fonte: [irmateresa.org.br](http://irmateresa.org.br)  
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Prece da Edição

Oração da Filha de Deus - Emmanuel

meu Deus, deponho aos Teus pés  
meu vestido de noivado  
meus prazeres do passado  
e as rosas do meu jardim.

Entrego-te as minhas horas,  
meus sonhos e meus castelos,  
meus anseios, meus 15 anos,  
minhas capas de ilusão.

Que eu calce a sandália pobre  
para a grande caminhada  
que me conduz à Morada  
da Paz e da Redenção.

Pois agora, Pai querido,  
somente vida em meu peito  
Teu amor, santo e perfeito  
Teu amor por mim sem fim.

Pai do céu, guarda a coroa  
das flores da laranjeira  
que eu teci a vida inteira  
como pássaro a cantar.

Ah, meu pai, guarda contigo  
meu cofre de arminho e ouro,  
onde eu guardava o tesouro  
que me deste ao coração.

Ó meu senhor, como é doce  
partir  
os grilhões do mundo  
e esperar Teu amor profundo





Para quem deseja compreender o Espiritismo, dando a saber do que se trata e internalizar os fundamentos do mestre Jesus, é preciso a leitura constante e atenta, além do estudo continuado das obras fundamentais da Doutrina Espírita. Nesta coluna, o Idem publicará trechos de O Livro dos Médiuns, O Céu e o Inferno , A Gênese, além de Obras Póstumas, dando continuidade do estudo das Obras Básicas apresentadas nas colunas "O Que Disse Kardec" e "Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo".



## Por que estudar “O Livro dos Médiuns”?

### 1) A mediunidade faz parte da vida

Médiuns somos todos, em maior ou em menor medida<sup>1</sup> Inclusive as pessoas que não acreditam na existência dos Espíritos podem ser influenciadas por eles <sup>2</sup>. Estudar seriamente a mediunidade é, pois, de fundamental importância.

É particularmente evidente a importância do estudo sério da mediunidade por parte dos adeptos do espiritismo, já que este é uma ciência prática que consiste nas relações que se pode estabelecer com os Espíritos e uma filosofia que compreende todas as consequências morais que dimanam dessas relações <sup>3</sup>. Mesmo que o espírita não possua faculdades mediúnicas que hajam produzido, até o momento, efeitos notórios ou ainda que ele não participe nem venha a participar de reuniões mediúnicas, é recomendável que estude a mediunidade a fim de que esteja preparado para lidar com ela em si mesmo, especialmente se alguma faculdade mediúnica vier a aflorar de maneira ostensiva, e nos demais, inclusive em situações inesperadas, dentro e fora do centro espírita. De fato, a mediunidade não se limita às reuniões mediúnicas: faz parte da vida.

### 2) O necessário alicerce

As obras fundamentais do espiritismo, indicadas no Catálogo racional das obras que podem servir para fundar uma biblioteca espírita, resultam dos sérios, prolongados e laboriosos estudos realizados por Allan Kardec, que compreenderam milhares de observações<sup>4</sup>. Na composição dessas obras, Allan Kardec contou com elevada assistência espiritual, mas sem qualquer sinal exterior de mediunidade.

Ao invés de prejudicar, a ausência de mediunidade ostensiva em Allan Kardec foi altamente benéfica para a composição das obras fundamentais do espiritismo, conforme ele mesmo explicou: “*Com uma mediunidade efetiva, eu somente teria escrito sob uma mesma influência. Teria sido levado a aceitar como verdadeiro apenas o que me tivesse sido comunicado, e isso talvez sem razão; ao passo que, em minha posição, convinha que eu tivesse liberdade absoluta para obter o que é bom onde quer que se encontrasse e de onde viesse. Portanto, tenho podido fazer uma seleção dos diversos ensinamentos, sem prevenção e com total imparcialidade. Tenho visto muito, estudado muito, observado muito, mas sempre com um olhar impassível, e nada mais ambiciono senão ver a experiência que tenho adquirido colocada a benefício de outros, e estou feliz de poder evitar para eles os escolhos inseparáveis de todo noviciado*” <sup>5</sup>. Sendo assim, em lugar de compor suas obras com parcialidade, sob uma mesma influência espiritual, Allan Kardec valeu-se de dois critérios: a lógica e o ensino geral e concordante dos Espíritos.

Tendo em vista a elevada assistência espiritual, bem como a utilização dos critérios seguros da lógica e da generalidade e concordância no ensino dos Espíritos no processo de elaboração, as obras fundamentais do espiritismo, publicadas por Allan Kardec, constituem o necessário alicerce para a sólida formação doutrinária, inclusive no campo da mediunidade.

### 3) A diretriz segura

Entre as obras fundamentais do espiritismo, destaca-se, em matéria de mediunidade, **O Livro dos Médiuns ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores**. Destina-se especialmente não apenas aos médiuns ostensivos, mas a todos que lidam com os fenômenos mediúnicos.

Já na Introdução, Allan Kardec esclarece que a prática mediúnica está rodeada de muitas dificuldades e que nem sempre está livre de inconvenientes, o que somente um estudo sério e completo pode prevenir. Por conseguinte, o Mestre de Lyon ressalta que não é suficiente um manual prático sucinto para o estudo e a prática da mediunidade.

**O Livro dos Médiuns**, que contém ensinamentos indispensáveis para evitar os escolhos na prática mediúnica, é a diretriz segura no campo da mediunidade.

Tamanha é sua excelência que substituiu outra obra de Allan Kardec – *a Instrução Prática Sobre as Manifestações Espíritas*, um livro sério, mas que não trata, de maneira completa, das dificuldades na prática mediúnica<sup>6</sup>.

#### 4) Não basta receber a comunicação mediúnica: é indispensável analisá-la

O estudo de *O Livro dos Médiuns* esclarece que não é suficiente a facilidade na recepção das comunicações mediúnicas, o que pode ser obtido em pouco tempo, apenas pelo hábito. É necessário adquirir experiência, que resulta do estudo sério das dificuldades que se apresentam na prática mediúnica. A experiência confere ao médium o tato necessário para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, avaliar as qualidades boas ou más deles mediante os indícios mais sutis e descobrir o engano dos Espíritos mistificadores que se cobrem com as aparências da verdade. Sem a experiência, todas as demais qualidades do médium perdem sua verdadeira utilidade<sup>7</sup>.

Não basta receber a comunicação mediúnica: é necessário, portanto, analisá-la. As obras de Allan Kardec, especialmente *O Livro dos Médiuns*, contêm o conhecimento imprescindível para analisar as comunicações mediúnicas segundo os critérios espíritas. De fato, entre outros temas de máxima importância, *O Livro dos Médiuns* trata, com maestria, da identidade dos Espíritos que se comunicam, das mistificações, das obsessões, da influência do médium e do meio, do charlatanismo e das contradições.

A análise das comunicações mediúnicas é necessária também no tocante à divulgação do espiritismo. Nem tudo o que comunicam os Espíritos deveria ser publicado. Existem, entre os Espíritos, diversos graus de saber e de ignorância, de moralidade e de imoralidade. Há comunicações mediúnicas que produzem impressões equivocadas sobre o espiritismo; inclusive existem aquelas que podem induzir a erro as pessoas que não têm o necessário conhecimento doutrinário<sup>8</sup>.

#### 5) Mediunidade e progresso da humanidade

Quanto mais nos dedicamos a assimilar os ensinamentos contidos em *O Livro dos Médiuns*, melhor compreendemos a fundamental importância do estudo sério da mediunidade, bem como o papel e a responsabilidade que todos temos, sejamos ou não médiuns ostensivos, como promotores do progresso espiritual não apenas em nós, mas também no meio em que vivemos. De fato, a mediunidade não é uma faculdade que deva servir para o aperfeiçoamento de apenas uma ou duas pessoas. Seu objetivo é maior: abrange toda a humanidade<sup>9</sup>.

NOTAS DA AUTORA:

[1] KARDEC, Allan. *Le livre des médiums*, n. 159.  
[2] KARDEC, Allan. *Le livre des Esprits*, questão 459.  
[3] KARDEC, Allan. *Qu'est-ce que le spiritisme? Preamble*.  
[4] KARDEC, Allan. *Le livre des médiums*, n. 34.  
[5] KARDEC, Allan. *Revue Spirite – Journal d'Études Psychologiques*, nov. de 1861, *Réunion générale des Spirites bordelais – Discours de M. Allan Kardec*.  
[6] KARDEC, Allan. *Le livre des médiums*, *Introduction*.  
[7] KARDEC, Allan. *Le livre des médiums*, n. 192.  
[8] KARDEC, Allan. *Revue Spirite – Journal d'Études Psychologiques*, nov. de 1859, *Doit-on publier tout ce que disent les Esprits?*  
[9] KARDEC, Allan. *Le livre des médiums*, n. 226-5.

Fonte: Revista A Senda (Ed. Nov/Dez 2019)  
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

### Transições Para Novos Paradigmas

Um estudo sem compromisso: que mudanças podemos esperar para o futuro, estaremos preparados para aceitá-las?



Nubor Orlando Facure

A Terra é redonda, gira em torno do Sol, os corpos caem por ação de uma força gravitacional, existem crateras na Lua e satélites em volta de Júpiter, o Universo está em expansão, o corpo humano é uma máquina cujo mecanismo podemos compreender, o átomo não é indivisível, energia e matéria são reversíveis

Todas essas afirmações que produziram mudanças no pensamento sobre o Mundo nos conduziram a um novo paradigma científico, não sem provocar um intenso choque cultural na ocasião em que foram enunciadas.

Que mudanças podemos esperar para o futuro, estaremos preparados para aceita-las?

Aqui estão algumas delas:

- 1 – Há um mundo espiritual a nossa volta com o qual manteremos intenso intercâmbio de informações;
- 2 – Há outras expressões da energia para as quais ainda não temos instrumentos para registrar sua presença;
- 3 – A evolução fundamental é a evolução da Alma, que vem repercutindo e de alguma maneira determinando nossa evolução biológica;



 4 – Há muito mais experiências ao nível psíquico do que na dimensão material – ainda não temos instrumentos que registem sua ocorrência e intensidade;

5 – A causa dos fenômenos psíquicos transcendem o mundo físico – são extrafísicas, espirituais;

6 – A Ciência espiritual deve assumir prioridade sobre a Ciência física;

7 – As sensações dos 5 sentidos serão ampliadas pelas experiências espirituais – essas nos permitem perceber a história e o significado de cada objeto – o meu relógio, além de mostrador de horas, contém minhas histórias de vida com ele;

8 – O corpo físico é limitadíssimo comparado ao corpo espiritual – é ele que contém minha história filogenética em toda sua extensão;

9 – As 4 dimensões físicas serão ampliadas para um Universo multidimensional;

10 – A personalidade única será substituída pela personalidade múltipla em decorrência de múltiplas vidas que já vivi;

11 – O conceito dualista Cérebro e Mente (Corpo e Alma) será complementado com 3 elementos: cérebro, corpo mental e mente – nesse corpo mental estão situados os arquivos definitivos das nossas memórias.

Fonte: [se.novaera.org.br](http://se.novaera.org.br)  
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

## Somos Espíritos Infantilizados

*\*Alkindar de Oliveira*

Em evento espírita que ocorre mensalmente, tendo como instrutor o especial educador "espírito Carlos" (assim o denominamos), nós, os participantes, ouvimos dele - constantemente - que somos espíritos infantilizados. O querido espírito Carlos consegue com maestria unir o amor com ensinamentos diretos que às vezes ferem nossa sensibilidade, mas muito nos educam. Quando dele ouvi - pela primeira vez - que somos espíritos infantilizados, não gostei. Mas com o tempo descobri que sou - somos - pois você leitor também o é, espírito infantilizado. Há mais de uma década esse querido espírito e benfeitor bate nesta tecla. Coincidentemente, relendo o excelente livro [RELEMBRANDO A VERDADE](#) (Editora IDE, espírito Públio, psicografia de André Luiz Ruiz), deparei-me no capítulo 5 com a mesma citada expressão: "somos espíritos infantilizados".



Veja só, a mesma informação, agora vinda por meio de outro médium e de outro espírito. Como o autoconhecimento é o primeiro passo da nossa evolução e como geralmente não nos conhecemos, para fins de melhor nos conhecermos, exponho a seguir parte do citado capítulo.

Antes de entrar no assunto propriamente dito, é importante reforçar que realmente não nos conhecemos, por exemplo:

a) Se somos inflexíveis e mal educados em atitudes que ferem os outros deixando- os nervosos e descontrolados, afirmamos que para malhar o ferro é preciso deixá-lo em brasa;


b) Se somos orgulhosos, afirmamos que sabemos reconhecer o nosso valor, etc., etc.

É fato: não nos conhecemos. Nosso cônjuge e nossos filhos são quem melhor nos conhece. A seguir teremos informações que nos ajudarão a irmos na direção do nosso autoconhecimento.

"(...) Considerada a mãe Terra como o ponto de passagem da infância bisonha para a adolescência da inteligência, podemos afirmar que nós, que estamos estagiando no orbe, somos espíritos infantilizados pelo pouco conhecimento e pelo pouco domínio de nossas próprias forças. Da mesma maneira que o conhecido pré-primário é uma etapa inicial na longa trajetória da escola, a Terra se destina, na ordem dos mundos, a esse patamar básico para que, nas suas experiências, os espíritos despertem para realidades primordiais.

As crianças que começam a freqüentar as aulas do primário em um estabelecimento de ensino terreno, vêm de um período pré-escolar onde não tinham compromisso com nada. Eram bebês dengosos, sem noções mais profundas de disciplina.

Ao ingressar na rotina escolar, a criança é obrigada a acordar cedo, a vestir seu uniforme, a preparar sua bolsa, a cuidar de suas coisas num ambiente onde não estará protegida pelos pais. Terá que enfrentar situações que, antes, deixaria que os genitores resolvessem no lugar dela. Natural que o acomodado ser infantil reclame dessa modificação de procedimentos e se queixe de ir à escola, principalmente no começo da experiência pedagógica.

 (...)Por enquanto a Terra é a classe da balbúrdia e das rebeldes crianças bagunceiras.

No entanto, nela aprenderemos lições importantes como:

- »Cuidar do nosso uniforme, que é o nosso corpo físico;
- »Nos levantarmos da inércia, para atender as necessidades materiais e alimentares;
- »Nos virarmos sozinhos, deixando no mundo invisível os amigos que nos apóiam e nos estimulam;
- »Temos que dividir a carteira com os outros, que são os irmãos da jornada humana;
- »Temos que chegar no horário da aula, aprendendo a regular nossas rotinas de espírito, disciplinando nosso voluntarismo;
- »Temos que organizar nossos cadernos, desenvolvendo a noção de ordem na essência de nossos espíritos;
- »Temos lição de casa para fazer, desenvolvendo a idéia do esforço e do estudo para a cristalização do aprendizado;
- »Temos que enfrentar opiniões diferentes das nossas, aprendendo a superar diferenças e conciliá-las sem brigas;
- »Temos a figura do professor, que é o porto seguro para nossa ignorância.

Todavia, acima e além de disso tudo que aprendemos, desenvolvemos na classe primária da Terra a noção de responsabilidade pessoal e de autoridade moral, quando identificamos que, acima do professor bom e generoso, que nós não acatamos nem obedecemos como deveríamos, na escola existe... a Diretoria.

Na Terra temos o pré-primário no qual desenvolvemos as noções importantes para a alma a fim de que, nos mundos melhores, depois de termos assimilados as importantes lições que nos orientam os passos iniciais, passemos a colaborar mais e melhor com os professores, a respeitá-los e admirá-los, ao mesmo tempo em que paremos de ter medo do Diretor, nos esforçando para sermos seus fiéis e devotados servidores, a benefício do bem-estar e do equilíbrio de toda a escola do Universo que Ele criou e dirige."

*Alkindar de Oliveira é palestrante, escritor e consultor de empresas radicado em São Paulo.  
Fonte: useosasco.org.br  
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.*

## A solidão de Jesus e a nossa solidão

A nossa solidão em meio as provas do mundo deve ser valorizada para buscarmos um encontro com Deus.

Diante das muitas lutas que nos visitam em alguns momentos nos sentimos absolutamente sozinhos.

Dentro da compreensão das relações humanas podemos nos sentir a sós e “abandonados”, todavia o quadro presente se reveste de profundo significado e um claro convite para nos entrevistarmos com Deus.

Antes de iniciar o seu ministério Jesus procurou a solidão do deserto, onde foi tentado pelo diabo.

E foram muitas as ocasiões que Ele buscava estar sozinho entre os homens para uma comunhão com Deus.

O que parecia solidão era um sublime momento de encontro com o Pai.

Assim somos nós em nosso aprendizado com o mundo nas lutas que nos visitam.

Por uma percepção equivocada da vida, e pela limitação de uma fé vacilante não nos damos conta de que a solidão no mundo é instante bendito de íntima comunhão com o Pai.

Na solidão com os homens nos tornamos mais receptivos a um dialogo com Deus, e se fizermos silêncio em nós a voz do Senhor da vida ecoara em nosso coração.

É preciso ir ao deserto em nossa alma para silenciar nossos pedidos e clamores infantis.

Algumas provas não dependem da nossa ação direta, portanto, precisamos ter força e coragem para aceitar as lutas e a indiferença alheia para conosco.







Na noite inesquecível no Jardim da Oliveiras Jesus se recolheu para orar em solidão, e pediu que seus apóstolos se recolhessem em oração, mas, mais uma vez Ele experimentou a solidão, pois eles dormiram.

Nas horas mais amargas precisamos compreender que a solidão que nos visita é o momento justo do reencontro com as nossas aspirações espirituais.

Evitemos valorizar a incompreensão dos que transitam conosco em família e no círculo de amigos se acreditando em solidão, Deus está conosco, precisamos no entanto, estar com Ele.

Jesus experimentou inúmeras vezes a solidão dos homens, no momento que a malta escolheu Barrabás, na agonia final da cruz quando tantos beneficiados por Ele se ocultavam naquela hora extrema.

Não obstante essa realidade, a fala derradeira pronunciada por seus lábios era em favor dos que não sabiam o que estavam fazendo.

A solidão dos homens é sempre um instante de encontro com Deus, para aquele que tem olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Adeilson Salles

Fonte: [tvmundomaior.com.br](http://tvmundomaior.com.br)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

## Informes GEEDem / ASIMD



Coloque seu nome em  
vibração para receber o auxílio dos Espíritos  
Superiores:  
<https://www.geedem.org.br/vibracao>



Nesse momento difícil, de tantas incerteza, é reconfortador  
sabermos que não estamos só!  
O Atendimento Fraterno Online do  
Geedem está a sua disposição para ouvi-lo!  
Agende através do site:  
<https://www.geedem.org.br/atendimento-formulario>

**Bazar Beneficente Scheilla** 

Quer DOAR objetos e não sabe como?

Retiramos Doações  
☎(11) 9-8684-0135  
(11)4173-2636

**Todas as doações serão REVERTIDAS  
para os projetos sociais da ASIMD**

Conheça mais em [www.asimd.org.br](http://www.asimd.org.br)

 [facebook.com/asimd.batistini](https://facebook.com/asimd.batistini) 

**Venha nos visitar!**  
Rua Pedro de Toledo, 147 - Vila Paulicéia - SBC



[www.asimd.org.br](http://www.asimd.org.br)



## Evangelização Infantojuvenil Virtual

Para crianças e jovens entre  
**04 e 17 anos.**

Inscrições através do site:

[www.geedem.org.br](http://www.geedem.org.br)

Início das atividades: 12/09 - 14h às 14h30

**Neste momento diferente, Jesus conta  
com o bom combatente.  
Por isso, vem com a gente!**



[www.geedem.org.br](http://www.geedem.org.br)



# Fora da Caixa

## O que acontece por aí...

**Yuval Harari: “Maior perigo não é o vírus, mas ódio, ganância e ignorância”**

O portal Deutsche Welle ( DW ), órgão de imprensa alemão, com notícias em mais de 30 idiomas, trouxe uma entrevista com historiador israelense Yuval Noah Harari, que afirma que resposta à crise do coronavírus deve ser mais solidariedade. E o mundo aprendeu a confiar mais na ciência. Ele fala também de trabalho e vigilância.

Leia alguns fragmentos:

“ Acho que o maior perigo não é o vírus em si. A humanidade tem todo o conhecimento e as ferramentas tecnológicas para vencê-lo. O problema realmente grande são nossos demônios interiores, nosso próprio ódio, ganância e ignorância. Temo que não se esteja reagindo a esta crise com solidariedade global, mas com ódio, colocando a culpa em outros países, em minorias étnicas e religiosas. ”



“ **CIÊNCIA**  
Nos últimos anos, temos visto diversos políticos populistas atacarem a ciência, dizerem que os cientistas são uma elite remota, desconectada do povo; que coisas como a mudança climática não passam de uma farsa, que não se deve acreditar nelas. Mas neste momento de crise por todo o mundo, vemos que as pessoas confiam mais na ciência do que em qualquer outra coisa. ”  
  
(...) quando cientistas nos alertam sobre outras coisas, além de epidemias – como mudança climática e colapso ambiental – ouçamos as advertências deles com a mesma seriedade que temos agora com o que dizem sobre a pandemia do coronavírus.

“ **NOVAS VIGILÂNCIAS**  
Devemos ser muito, muito cuidadosos a esse respeito. Vigilância sobre a pele é monitorar o que se faz no mundo exterior: aonde você vai, quem encontra, ao que assiste na TV, que sites visita online. Ela não entra no seu corpo. Vigilância subcutânea é monitorar o que está acontecendo dentro do seu corpo. Começa com coisas como a temperatura, mas aí pode partir para a pressão sanguínea, frequência cardíaca, atividade cerebral. E uma vez que se faça isso, é possível saber muito mais sobre cada indivíduo do que em qualquer outra época: você pode criar um regime totalitário como nunca se viu antes. ”

“ **TRABALHO**  
Esta crise está causando mudanças tremendas no mercado de trabalho; as pessoas trabalham de casa, trabalham online. Se não tomarmos cuidado, pode resultar no colapso do trabalho organizado, pelo menos em alguns setores industriais.  
Mas isso não é inevitável: é uma decisão política. Podemos tomar a decisão de proteger os direitos trabalhistas em nosso país, ou em todo o mundo, nesta situação. Os governos estão resgatando financeiramente indústrias e corporações, eles podem condicionar a ajuda à proteção dos direitos dos empregados. Então tudo depende das decisões que tomemos. ”

“ **FUTURO**  
Acho que historiadores futuros verão este como um ponto de mutação na história do século 21. Mas a forma que dermos a ele dependerá de nossas decisões. Não é inevitável. ”

Leia na íntegra em:

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/04/26/yuval-noah-harari-maior-perigo-nao-e-o-virus-mas-odio-ganancia-e-ignorancia.htm>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.





## Papo das Nove Com André Trigueiro

### O Cético Que Biografou Chico Xavier e Allan Kardec

Quis o destino que um jornalista sem religião, materialista, se interessasse pela vida e pela obra do médium Francisco Cândido Xavier e pelo codificador do Espiritismo, Allan Kardec. Num papo alegre e divertido, Marcelo Souto Maior revela nesta live os bastidores de livros e filmes inspirados em seu trabalho. E o que mudou em sua vida a partir desses estudos.

<https://www.youtube.com/watch?v=lw4SZvEn52w>



### Não são férias, mas as crianças estão em casa | Rosely Sayão

Filhos, estudos e quarentena...

De repente, os filhos deixaram de ir para a escola sem estar em férias. Nesse período, somente alguns estudantes ganharam a oportunidade de ter ensino à distância. Quais as consequências e riscos para eles, no presente e no futuro, desse período de distanciamento social? Que futuro eles terão? Como colaborar para que os prejuízos sejam os menores possíveis, tanto nos estudos quanto na saúde?

<https://www.youtube.com/watch?v=rTaVDAj02Ek&list=PLKLKBPrwviCiQ7iaIsXUYDbydhctQYHU&index=8&t=0s>



### Recursos Psicológicos para Lidar Com Uma Quarentena Prolongada

SUA META: MANTER O EQUILÍBRIO EMOCIONAL NA QUARENTENA:

<https://www.youtube.com/watch?v=TB9QRMvPof8&list=PLPROJNIMZL3gmGdmDLVJ4mNMdGauH8EXJ&index=2&t=0s>

5 RECURSOS PARA LIDAR COM O ESTRESSE NA QUARENTENA:

[https://www.youtube.com/watch?v=FGA4Pwda\\_-Q&list=PLPROJNIMZL3gmGdmDLVJ4mNMdGauH8EXJ&index=7&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=FGA4Pwda_-Q&list=PLPROJNIMZL3gmGdmDLVJ4mNMdGauH8EXJ&index=7&t=0s)

CONVIVER ENTRE QUATRO PAREDES NA QUARENTENA:

<https://www.youtube.com/watch?v=yYXO9ilAoP8&list=PLPROJNIMZL3gmGdmDLVJ4mNMdGauH8EXJ&index=5&t=0s>

COMO LIDAR COM PROJETOS FRUSTRADOS PELO CORONAVÍRUS?

[https://www.youtube.com/watch?v=0-CaBGx\\_WAQ&list=PLPROJNIMZL3gmGdmDLVJ4mNMdGauH8EXJ&index=6&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=0-CaBGx_WAQ&list=PLPROJNIMZL3gmGdmDLVJ4mNMdGauH8EXJ&index=6&t=0s)



# Para a Criançada!

## Passeios Virtuais



### O maior aquário do mundo, Estados Unidos

Localizado no estado de Atlanta, o Georgia Aquarium é considerado o maior aquário do mundo, com mais de 30 milhões de litros de água doce e salgada. Abriga mais de 100 mil animais de 500 espécies diferentes. Em seu site oficial, a instituição disponibiliza a transmissão de várias câmeras que filmam os animais em tempo real.

<https://www.georgiaaquarium.org/webcamocean-voyager/>

### Cataratas do Iguaçu, Brasil

As Cataratas do Iguaçu são um conjunto de 275 quedas d'água localizadas na fronteira entre Brasil e Argentina, consideradas Patrimônio Natural da Humanidade. Os parques turísticos dos dois países atraem milhões de visitantes todos os anos. Para ter uma visão completa das belezas das Cataratas do Iguaçu, faça o tour virtual.

<https://www.airpano.com/360photo/Brasil-Argentina-Iguazu-Falls-2012/>